

Conselho Diretor Nacional
 Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
 Deise e Raimundo Fonseca da Silva
 Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
 Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
 Vilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
 Arlete e João Borges
 Camila e Kleber
 Jesuliana do Nascimento Ulysses
 Marly e Jose Maurício Guedes
 Rita e Luiz Carlos Torres Martins
 Raquel e Ronaldo
 Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Distribuidora Fato e Razão
 Atendimento Assinaturas Livraria do MFC
 Pedidos de Publicações MFC
 Rua Barão de Santa Helena, 68
 cep 36010-520 Juiz de Fora-MG
 Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
 E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita
 Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -
 Juiz de Fora - MG
 Telefone: (32)3215-7060
 orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -
 amarartesvisuais@gmail.com
 e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDITORIAL		
Fato e Razão nº 100	4	Natal, tempo de ternura, afagos
Rubens Carvalho		22
RELIGIÃO		Deonira L. Viganó La Rosa
A amada de Francisco	58	SOCIEDADE
Eq.lgr.em Marcha		Brasil, o ocaso de uma nação
Carta de Aparecida	46	10
CFFB		Miguel Srougi
Diferença entre religião e espiritualidade	56	A crise das instituições e a instituição Igreja
Teilhard de Chardin		32
Linhas mestras do pontificado de Francisco	20	Eliezer Leal
Oscavo Homem de Carvalho		Basta
Rodas de fé e cidadania conclusão	27	38
Reginaldo Veloso		Manuela C. da Cunha
Sobre advento, gestação, gravidez e esperança	6	Considerações sobre o trabalho escravo
Maria Clara L. Bingemer		24
INSTITUCIONAL		Editores
A caminhada do MFC através de Fato & Razão	12	Construir cidadania num país de privilégios
Editores		52
Programa Nacional de Formação à Distância	40	Maria Alice Setubal
MFC MG		Ele teve professor
POLÍTICA		63
A consciência persegue o corrupto mesmo que		Daniela Arbex
ninguém o condene	60	Estado de exceção e reforma política
Leonardo Boff		16
Democracia participativa, já	54	Fábio Romeu Canton Filho
Ricardo Lewandowski		CULTURA
TECNOLOGIA		Carta escrita no Timor Leste
A ética dos carros autônomos	34	48
Ronaldo Lemos		Mário Betiati
RELACIONAMENTO		MENSAGEM
Amor sob medida e amor sem limites	36	Cidadania reflexiva
Effy De Lille		50
		Editores
		Um lugar pior do que o fundo do poço
		9
		Paula Abreu
		Fala de Augusto Cury
		18
		A.Cury
		EDUCAÇÃO
		Ensina a teu filho
		14
		Frei Betto
		Arnaldo poema de paz e luz...
		65

FATO & RAZÃO n° 100

É com alegria que celebramos hoje o número 100 da nossa Revista Fato & Razão. A intenção deste escrito é de chamar a atenção para um fato: Quais associações, organismos, movimentos, órgãos e instituições que vocês conhecem que já tiveram publicado a sua revista de número 100??? Falo de uma revista independente, atual em qualquer exemplar – pois vai além do seu tempo em suas matérias, uma revista aberta a todos e a tudo que direta ou indiretamente “afeta” o tecido social família; uma revista que alimenta de forma criativa a formação continuada da sociedade (sendo ou não membro do MFC), uma revista que dá indicativos para construção de um mundo melhor, mais fraterno e justo.

Queremos salientar a importância deste veículo

em especial para nós MFCistas, e lembrá-los que a Revista Fato & Razão é sua, se gosta ou não do seu formato, de suas matérias, do seu editorial a responsabilidade é também sua – ela precisa da sua contribuição, pois ao longo dos anos ela sempre prezou em trazer para perto de cada MFCista o essencial para o momento vivido, e/ou para o problema em questão buscando atender as prerrogativas estabelecidas no nosso estatuto de ser acolhedora, de não ser partidária..., enfim, de ser veículo de formação e transformação através dos temas e matérias aqui apresentados.

Acreditamos que a Fato & Razão, na sua trajetória e até hoje no MFC, enfrenta muitos desafios para



adequar-se ao tempo presente e manter-se fiel ao seu propósito, sem perder de vista o seu objetivo principal – de ser um canal de comunicação e formação para as famílias. São mais de 42 anos dedicados a Família Brasileira e de forma especial a sua família MFCista. Esta traz em seus conteúdos temas relacionados à FAMÍLIA e voltados ao MFC, à cidadania e economia, educação e família, filosofia e meio ambiente, política e relacionamento, religião e espiritualidade, saúde e sociedade, dentre outros – e ainda a oportunidade de expressar as ações no MFC bem como oportunizar a publicação de textos de seus membros que espontaneamente contribuem para compor cada edição.

Na verdade, o que torna esta edição especial não é ser o exemplar de número 100, o mais importante é que ela conseguiu se manter viva diante de tantos meios de informação, de tantas facilidades propostas pelas redes sociais, o que importa é a conscientização proposta diante dos fatos e assim uma postura humanizadora. O que temos que comemorar com este exemplar é a sua persistência na busca constante de proporcionar a sua equipe base textos de qualidade, material rico para formação, subsídios para instrumentalizar a formação sustentável das pessoas, de grupos e famílias, mais ainda a manutenção saudável da comunicação e da conversa que agrega conteúdo à sociedade, fortalecendo assim a nossa missão.

Como vivemos no presente e assim faremos o futuro (que será hoje), faço um convite a você MFCista, visite com mais frequência a NOS-SA Fato & Razão, dê a sua opinião, contribua, assine e indique aos seus amigos e familiares... precisamos continuar a nossa missão evangelizadora, e se olharmos para história de hoje temos o papel de fazer uma “igreja em saída” (nos convoca o Papa Francisco).

A Fato & Razão vem silenciosamente ao longo de sua vida nutrindo uma sociedade melhor, uma família com mais conhecimento e detentora dos seus valores e virtudes, direitos e deveres; tem se apropriado de conhecimento próprio para formação da dignidade humana, por fim tem sido uma manifestação concreta de que com amor, dedicação, fé e entusiasmo é possível realizar grandes coisas.

Parabéns e obrigado a todos os MFCistas que se dedicam com verdadeira militância, aos nossos colaboradores incansáveis, a todos os nossos assinantes e simpatizantes.

Parabéns a você MFCista, é por você que a Fato & Razão existe.

Forte e afetuoso abraço,

Rubens e Rosana
CONDIN – MFC Brasil

N.E. – Que as palavras de nosso principal pastor sejam lidas e meditadas para que produzam frutos e que “nenhum mfcista fique sem ler Fato & Razão”

Sobre advento, gravidez, gestação e esperança



Maria Clara Lucchetti Bingemer

Advento e tempo de gravidez. Gravidez de esperança pelo novo que vem em forma de menino, humano e indefeso, nascido de mulher. E é a esse mistério tão singelo e despretenso, pelo qual o mundo é mundo e a cadeia da humanidade segue adiante por séculos e milênios que a fé cristã atribui a salvação do mundo. É nesse mistério de esperança frágil e desprotegida, exposta a todas as intempéries que a revelação afirma que chegou a plenitude dos tempos..

O que acontece no ventre de Maria e aconteceu, acontecia e acontecerá nas entranhas de todas as Marias, Ednas, Joanas, Cristinas e Anas que povoaram, povoam e povoarão a terra é o atestado de que é a esperança que move o mundo e quando parece já não haver mais nada a esperar a convicção de que em algum lugar, em alguma parte, uma mulher grávida dará à luz um filho. E a esperança

recomeçará a brotar da aparente esterilidade que ameaça assolar e ressecar a face da terra.

O Natal, portanto, é tempo de gravidez e gestação. Neste menino pequeno e recém-nascido ao frio e ao calor, à fome e à sede, à saciedade e ao carinho, à dor e à alegria se encarnou a Palavra que vinha germinando nos sulcos do mundo, nas veias da história, e nas entranhas maternas de todo instante, desde o começo dos tempos. Quando o Pai de toda paternidade contraiu suas entranhas paterno-maternais para dar lugar ao que não era divino e criar o cosmos, já a esperança habitou o fundo da terra, anunciando o desejado dia em que a criação voltaria a ser semelhante ao criador do qual era imagem.

Na plenitude dos tempos, desde as entranhas da terra e da humanidade, nascerá Jesus, do ventre de Maria de Nazaré. Não descerá do alto, dos espaços siderais em algum voo de emergência. Brotará do hu-

mano, da carne vulnerável e mortal. Deus se fez carne em Jesus de Nazaré, herdando em seu peito o sangue e o pranto, as alegrias e os desejos das gerações humanas que o haviam precedido e todos os futuros e mistérios desconhecidos e desejados.

Este é o mistério pelo qual hoje esperamos. A justiça e a paz vêm de baixo e dos que estão abaixo. Se a nossa justiça não abarcar aqueles que estão à margem das benesses do progresso e da sociedade em que vivemos, será como a palha que queima e se transforma em cinza.

Olhar para baixo: esta é a diretriz que nos é dada neste Advento, enquanto esperamos que a Palavra que já se fez carne no ventre de Maria de Nazaré seja por ela dada à Luz. A Luz que é desde o começo dos começos, da qual veio a Luz para o mundo, é dada à luz por uma mulher.

Portanto, que não se abra a terra para semear minas que explodirão vidas humanas em mil pedaços. Que não se abra tampouco a terra para enterrar os cadáveres dos justos e o pranto das viúvas e dos órfãos. Que não se abra jamais para fazer desaparecer os torturados, plantar sementes envenenadas da cobiça e sepultar os sonhos irrealizados.

Que se abra, sim, a terra para que brote hoje e sempre, com sabor e aroma de novo, frágil e indefesa, a epifania, a manifestação de Deus que se faz criança na carne frágil de Jesus de Nazaré. Que se abra a terra, para que a gravidez universal

da criação se tome parto infinito e constante. Que a nova criação seja parida na caridade vivida, nos gestos humildes de amor aprendidos no Deus que desce e se encarna no mais estreito e frágil da Criação da qual é Senhor.

Que a nossa humanidade, enfim, aprenda nesse Advento a preparar-se para abrir-se e acolher o outro que sofre, chora e é infeliz. O outro que está faminto, sedento, cativo e nu. Que o coração vá aprendendo a ser de carne e não de pedra neste tempo de espera em que Deus, uma vez mais, cresce no ventre daquela que é cheia de graça para ensinar que o amor é flor tão frágil quanto preciosa; tão bela quanto mais indefesa; mais ofuscantemente deslumbrante justamente quando se encontra mais ameaçada. E que é preciso cuidá-la com carinho, para que ilumine e encha de beleza o mundo tão cheio de ameaças, guerras e morte. Mundo no qual perdem os que têm razão e ganham os que não a têm. O Advento do Menino que a Mãe prepara e acolhe em seu ventre imaculado inverte essa equação e mostra onde está a verdadeira vitória, nos subterrâneos da história, onde se encarna a fragilidade do amor.

A maternidade de Maria nos ensina algo muito importante, a nós que vivemos em uma sociedade que valoriza a gravidez e a gestação de maneira produtivista. no sentido de que a mulher tem que ter filhos e ser mãe. mas também trabalhar, ser

produtiva etc. E quando isso não acontece é uma enorme frustração, fonte de depressão.

O único discurso organizado que ajuda a compreender a complexidade simbólica ou cultural da experiência materna é o religioso. A sociedade laicizada e secular não tem uma palavra ou discurso adequado para isso.

Para nós, que celebramos o Advento, a figura da Virgem Maria, a jovem de Nazaré desposada com o carpinteiro José. que se prepara

para dar à luz aquele que veio do alto e do infinito, fica o convite à contemplação e à adoração. Adoremos pois, esse que a Mulher nos mostra em seu ventre grávido. Dali sairá a verdadeira Luz para todo aquele ou aquela que vem a este mundo.

** Maria Clara Lucchetti Bingemer é Teóloga, Professora do Departamento de Teologia da PUC-RJ, autora de "Simone Weil – Testemunha da paixão e da compaixão"*

Transcrito do Boletim Rede

Para o ano novo, desejo que...

...se for pra fazer guerra, que seja de travesseiro.

Se for pra ter solidão, que seja no chuveiro.

Se for pra perder, que seja o medo.

Se for pra mentir, que seja a idade.

Se for pra matar, que seja a saudade.

Se for pra morrer, que seja de amor.

Se for pra tirar de alguém, que seja sua dor.

Se for pra ir embora, que seja a tristeza.

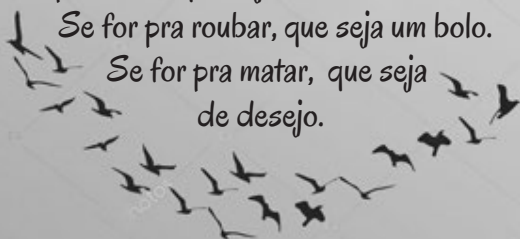
Se for pra chorar um dia, que seja de alegria.

Se for pra cair, que seja na folia.

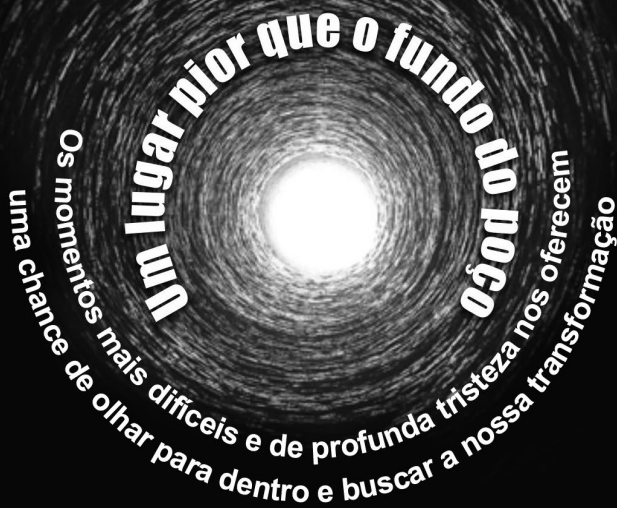
Se for pra bater, que seja um bolo.

Se for pra roubar, que seja um bolo.

*Se for pra matar, que seja
de desejo.*



Alvaro Socci



Um dia comum, cinco anos atrás. Eu trabalhava tranquilamente no departamento jurídico de uma grande multinacional de petróleo e gás. Era um dia como outro qualquer, e eu não fazia a menor ideia do que estava por acontecer. Horas depois, meu chefe me chama. Avisa que a empresa estava passando por uma reestruturação e algumas vagas estavam sendo extintas. E a minha era uma delas. No mesmo momento, tive que entregar a chave do carro da empresa que eu usava, o laptop, o blackberry. Uma amiga recolheu alguns pertences meus e colocou na minha bolsa, e me entregou tudo na sala de reunião onde eu estava sendo demitida. Sim, eu nem sequer voltei mais à minha mesa. O resto das minhas coisas seria entregue em uma caixa alguns dias depois, na minha casa. Recebi um voucher para poder ir embora de táxi. Lembro da sensação daquele momento como se fosse hoje: um alçapão se abrindo sob meus pés e meu coração caindo, caindo, caindo... num poço sem fundo! (É, nesse dia eu descobri que há um lugar pior do que o fundo do poço!). Talvez você saiba do que eu estou falando... Já tive clientes e alunos que disseram ter sentido o mesmo ao ouvirem de seus maridos que queriam o divórcio, ou ao receberem a notícia da morte de alguém querido, ou no diagnóstico de uma doença grave. São instantes em que parece que deixamos de ser nós mesmos.

No instante da minha demissão, eu não era mais a minha versão advogada. No momento do divórcio você deixa de ser a sua versão "casada". Na hora do diagnóstico de uma doença deixamos de ser a nossa versão "saudável". As reações possíveis são inúmeras quando estamos nesses momentos de encruzilhada da vida. Eu poderia ter me revoltado. Xingado Deus (ou, no mínimo, o meu ex-chefe). Poderia ter me entregado ao desânimo e à desesperança. E, olha, se você me perguntar por que isso não aconteceu, não sei explicar. Mas tenho uma teoria. Hoje eu acredito que lá, no poço sem fundo, é o lugar onde vivenciamos o sofrimento na forma mais profunda que a alma é capaz de sentir. Mas, talvez por isso, é o lugar onde a graça se torna mais acessível. O poeta sufi Rumi escreveu que "a ferida é o lugar por onde a luz entra em você". Há cinco anos, uma ferida profunda me abriu finalmente para uma luz infinita. Foi a partir daquela ferida que eu percebi que não queria mais trabalhar apenas para pagar contas e comprar coisas caras para impressionar pessoas. Percebi que trabalho sem se colocar a serviço do outro não valia nada. E isso mudou a minha vida. Se hoje você está em queda livre no poço sem fundo, está tudo bem. Agradeça. Se abra para a luz. Porque a escolha que você vai fazer agora – por mais difícil que pareça – é que vai definir a sua vida daqui a cinco anos.

BRASIL, O OCASO DE UMA NAÇÃO

Miguel Srougi*

Como todos, estou desconcertado. Até há pouco ouvia que a prosperidade e a felicidade tinham se espalhado pela nação, mas o que vejo hoje são notícias e números aflitivos que desfilam impiedosamente nos textos e nas telinhas que habitam o nosso cotidiano.

Multidões de oprimidos pela pobreza vão dormir sem saber se disporão de um prato de comida ao amanhecer. Milhões sem acesso à educação, condenados a perecer num mundo inviável para quem não domina o conhecimento. Legiões de famílias encurraladas pelo caos e pela violência urbana, que esfacelam o porvir e a vida de seus filhos.

Amontoados humanos despenhando nas portas impenetráveis dos hospitais públicos. Enfim, a banalização da vida em cada beco, por aqueles que nunca tiveram a chance

de compreender o valor e os encantos da existência humana.

Pedindo desculpas por repetir essas obviedades, explico porque me manifesto nestas linhas. Explico apoiado em ideias dos economistas Daron Acemoglu e James Robinson, contestadas por alguns, mas que satisfazem meu intelecto.

Segundo eles, a prosperidade de uma nação tem menos a ver com planos econômicos lustrosos e mais com a existência de instituições robustas, comprometidas com o bem-estar da sociedade. Esses mesmos países costumam ser governados por agentes que representam e respondem genuinamente às aspirações dos seus cidadãos.

Nesse ambiente florescem as empresas e os sistemas políticos “inclusivos”, que distribuem as riquezas da nação, atenuam a desigualdade e permitem que a existência possa ser usufruída com dignidade.

Em contraposto, as nações regidas por instituições e dirigentes avacalhados e pervertidos tendem a submergir de forma inapelável.

Por inoperância do Estado, proliferam as empresas “extrativistas”, que na sua voracidade concentram ainda mais a renda e aumentam a desigualdade. Nesse ambiente, os agentes públicos e as corporações privadas estabelecem relações promíscuas para alimentar a ganância e se perenizarem.

Por falta de modelos, disseminam-se na sociedade a amoralidade, a corrupção e a desagregação. Ao final as nações derretem e são levadas pela enxurrada; os desvalidos, como sempre, arrastados na frente.

Daron Acemoglu e James Robinson não precisam ser convocados para nos dizer em qual cenário o Brasil está inserido. As poucas estrelas reluzentes na nossa infindável noite de breu não amenizam o meu sentimento de que a nação sucumbiu de maneira irremediável.

Obviamente, não me refiro a todos os brasileiros. O grupo dos 6,5 milhões de “incluídos”, no qual Deus me inseriu antes mesmo de saber se eu merecia, sempre conseguirá aumentar a altura dos seus muros e desfrutar da pátria amada e seus lindos campos.

Falo do grupo dos 115 milhões de “extraídos”, que talvez nunca mais poderão declamar que são filhos de uma mãe gentil.

Sem poder consertar o escangalho produzido na nossa sociedade pela degradação dos três Poderes de governança e pela ascensão de agentes e grupos equivocados, algumas vezes criminosos, só nos resta, como membros da ala dos “incluídos”, estender a nossa asa protetora sobre os desvalidos que habitam o nosso entorno.

É urgente promover ações que possam amenizar seu sofrimento, já que salvá-los não dá mais. Procurar, também e até onde possível, impregná-los com os sentimentos da consciência crítica e da cidadania.

Mostrar a todos uma realidade que Albert Einstein tão bem soube descortinar: “O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”.

** Miguel Srougi, pós-graduado em urologia pela Universidade Harvard (EUA), é professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP e presidente do conselho do Instituto Criança é Vida*
Transcrito da Folha de São Paulo

PROPOSTA DE REFLEXÃO

- Caso a nação brasileira esteja vivendo o seu ocaso, pergunta-se:
 - De quem é a responsabilidade por tal ocorrência? Por que?
- É possível a reversão deste quadro? Como?

A CAMINHADA DO MFC ATRAVÉS DAS PÁGINAS DE FATO & RAZÃO

“Como exigência normal dos tempos novos, caracterizados pelo aparecimento de novas respostas vivenciais, surge, então agora, a exigência de novos critérios de avaliação moral, radicalmente fundamentados nas exigências evangélicas e não colocados a serviço de algum “modelo” de família” José e Beatriz Reis in “Família Cristã: Haverá um modelo?” Fato & Razão no. 1.

“De tal maneira estão condicionados os comportamentos pelo sistema competitivo e despersonalizante em que vivem, muitas vezes as pessoas deixam de ser responsáveis pelos seus atos.” Selma e Helio Amorim in “A culpa coletiva, em que descrevem uma cena de suicídio” Fato & Razão no.2

“No entanto, o homem só descobre a sua própria identidade e o sentido de sua vida situando-se no meio dos outros, em atitude de escuta, de aceitação e de serviço.” In “A mola mestra que nos move.” José e Beatriz Reis - Fato & Razão 6

“Consciente da iniquidade básica do sistema socioeconômico que o beneficia às custas da espoliação das classes desfavorecidas o cristão sente-se no dever imperioso de compensar essa injustiça, in “A partilha dos bens” – Fato & Razão 9

“Como espaço de formação, o MFC insere suas comunidades ou equipes-base, num processo dinâmico e participativo de reuniões, apoiado por temários e publicações para animar a reflexão e o debate sobre questões atuais, iluminados por dados das ciências humanas e da teologia.” Helio e Selma Amorim in “A opção pedagógica do MFC” – Fato & Razão 15

“Colegialidade significa que todos deveriam ter “cargos”, tarefas na comunidade pois todos somos corresponsáveis.” Pe. Paulo M. Tonucci, foi assistente do MFC in “Desafios da Colegialidade” – Fato & Razão no. 16

“A educação que preconizamos nos deve levar a passar do discurso à prática, do papel à realidade, às exigências dos direitos proclamados.” José e Beatriz Reis in “Reflexões sobre a humanização - A consciência crítica” – Fato & Razão 23

“O ser humano vive imerso num contexto ambiental desenvolvido durante milhões de anos em equilíbrio delicadíssimo.” José e Beatriz Reis in “Reflexões sobre a humanização – A preservação da natureza.” – Fato & Razão 23

“Mas, o mais importante é ter-se forjado um movimento de vanguarda de leigos adultos, comprometidos com a transformação da sociedade na edificação do Reino de Deus e na luta pela justiça. ” in MFC: 40 anos – Fato & Razão 27

“Também não há democracia se o imenso poder da imprensa livre estiver nas mãos de poucas pessoas ou famílias de um país, como acontece por aqui. ” in “A mídia comanda o espetáculo” – Fato & Razão 30

“ Mas, acima de tudo, a proposta pedagógica do MFC é libertadora e respeitosa. Não pretende impor nossas verdades e pontos de vista mas ajudar as pessoas a terem coragem de andar com as próprias pernas, pensar com a própria cabeça e enfrentar sem medo os problemas que sempre surgirão em suas vidas. ” in A proposta pedagógica do MFC e as metodologias participativas” – Fato & Razão 30

“O homem busca novas expressões de espiritualidade, as atuais já não satisfazem.” Neide e Itamar Bonfatti in “Espiritualismo e espiritualidade coisas bem diferentes” – in Fato & Razão 31

“A imagem que uma criança tem de si é basicamente o conceito que os adultos têm dela e o manifestam nas suas relações.” Jorge e Deonira La Rosa in “A construção do autoconceito” – Fato & Razão 33

“Não sabíamos que estávamos fazendo história quando aceitamos o convite de D,Helder a alguns casais que tinham militado em movimentos de Juventude e na Ação Católica. “José e Lya Sollero in “A caminhada do Movimento Familiar Cristão” – Fato & Razão 41

“Posições claras em matérias controversas nos trouxeram dificuldades mais dolorosas em setores mais tradicionais. ” – José e Lya Sollero in “A caminhada do MFC” Fato & Razão 41 – Março 2000

“A imprensa parece ter tirado os olhos da sociedade abdicando da cidadania ao descobrir o mercado e o consumidor.” In “A imprensa na berlinda” – Fato & Razão 41 – Março 2000

“Entre carências e desencantos de hoje, será preciso descobrir como construir uma sociedade nova, justa e solidária, na qual valores humanos perdidos sejam recuperados.” Helio Amorim in “A droga das drogas” – Fato & Razão 53 – Julho 2003

“Assim a grande mídia comanda aeticamente nossos comportamentos e sentimentos, pautando nossas preocupações, manipulando sorrateiramente emoções e convicções. ” Helio Amorim in “A pauta” – Fato & Razão 76 – Junho 2011

Ensina a teu FILHO

*Frei Betto**

Ensina a teu filho que o Brasil tem jeito e que ele deve crescer feliz por ser brasileiro.

Há neste país juízes justos, ainda que esta verdade soe como cacófono. Juízes que, como meu pai, nunca empregaram familiares, embora tivessem filhos advogados. Jamais fizeram da função um meio de angariar mordomias e, isentos, deram ganho de causa também a pobres, contrariando padrões gananciosos ou empresas que se viram obrigadas a aprender que, para certos homens, a honra é inegociável.

Ensina a teu filho que neste país há políticos íntegros como Antônio Pinheiro, pai do jornalista Chico Pinheiro, que revelou na mídia seu contracheque de parlamentar e devolveu aos cofres públicos jetons de procedência duvidosa.

Saiba o teu filho que, no monolito preto do Banco Central, em Brasília, onde trabalham cerca de 3 mil pessoas, a maioria é honrada e, porque não é cega, indignada ante maracutaia de autoridades que deveriam primar pela Ética no cargo que lhes foi confiado.

Ensina a teu filho que não ter talento esportivo ou rosto e corpo de modelo, e sentir-se feio diante dos padrões vigentes de beleza, não é motivo para ele perder a auto-estima. A felicidade não se compra nem é um troféu que se ganha vencendo a concorrência. Tece-se de valores e virtudes e desenha, em nossa existência, um sentido pelo qual vale a pena viver e morrer.

Ensina a teu filho que o Brasil possui dimensões continentais e

as mais férteis terras do planeta. Não se justifica, pois, tanta terra sem gente e tanta gente sem terra. Assim como a liberdade dos escravos tardou, mas chegou, a reforma agrária haverá de se implantar. Tomara que regada com muito pouco sangue.

Saiba o teu filho que os sem-terra que ocupam áreas ociosas e prédios públicos são, hoje, chamados de “bandidos”, como outrora a pecha caiu sobre Gandhi sentado nos trilhos das ferrovias inglesas e Luther King ocupando escolas vetadas aos negros.

Ensina a teus filhos que pioneiros e profetas, de Jesus a Tiradentes, de Francisco de Assis a Nelson Mandela, são, invariavelmente, tratados, pela elite de seu tempo, como subversivos, malfeitores, visionários.

Ensina a teu filho que o Brasil é uma nação trabalhadora e criativa. Milhões de brasileiros levantam cedo todos os dias, comem aquém de suas necessidades e consomem a maior parcela de sua vida no trabalho, em troca de um salário que não lhes assegura sequer o acesso à casa própria. No entanto, essa gente é incapaz de furtar um lápis do escritório, tijolo da obra, uma ferramenta da fábrica. Sente-se honrada por não descer ao ralo que nivela bandidos de colarinho branco com os pés-de-chinelo. É gente feita daquela matéria-prima dos lixeiros de Vitória que entregaram a poli-

cia sacolas recheadas de dinheiro que assaltantes de banco haviam escondido numa caçamba.

Ensina a teu filho a evitar a via preferencial dessa sociedade capitalista que nos tenta incutir que ser consumidor é mais importante que ser cidadão; incensa quem esbanja fortuna e realça mais a estética que a Ética.

Saiba o teu filho que o Brasil é a terra de índios que não se curvaram ao jugo português e de Zumbi, de Angelim e frei Caneca, de madre Joana Angélica a Anita Garibaldi, Dom Helder Câmara e Chico Mendes.

Ensina a teu filho que ele não precisa concordar com a desordem estabelecida e que será feliz se se unir aqueles que lutam por transformações sociais que tornem este país livre e justo. Então, ele transmitirá a teu neto o legado da tua sabedoria.

Ensina teu filho a votar com consciência e jamais ter nojo de política, pois quem age assim é governado por quem não tem e, se a maioria tiver a mesma reação, será o fim da democracia. Que o teu voto e o dele sejam em prol da justiça social e dos direitos dos brasileiros, imerecidamente tão pobres e excluídos, por razões políticas, dos dons da vida.”

** Frei Betto é escritor, autor de “Calendário do Poder” (Rocco), entre outros livros*

Extraído da Internet



Estado de exceção e reforma política

Fábio Romeu Canton Filho

Não são poucos os que enxergam no Brasil atual um estado de exceção. Discordo, mas temo que caminhemos para tanto. Por ora, os Poderes da República, ao menos formalmente, mostram-se atuantes e independentes, cada qual em sua esfera de ação.

Problemáticas, contudo, são as escorregadelas aqui e ali para o campo alheio e outras atitudes pouco republicanas.

Ética é um conceito relativamente simples, mas simplicidade é um valor que poucos praticam. Não pega bem juiz e denunciado reunirem-se na calada da noite – trata-se de uma constatação simples, que deveria nortear o comportamento eticamente recomendável no caso. Tais casos ocorreriam excepcionalmente? Bem, o advérbio deriva do substantivo “exceção”.

Deixemos de lado o exemplo hipotético acima e partamos para outro. Não é de bom alvitre que procuradores ou juízes desfraldem bandeiras partidárias em redes sociais, nem em qualquer meio, principalmente num momento em que o partidarismo contamina boa parte das relações pessoais e institucionais no país.

Espera-se que não ajam como militantes aqueles que investigam ou julgam militantes. Ocorrem casos desse tipo? Sim, um aqui, outro ali, casos excepcionais (“excepcional”: adjetivo derivado do substantivo “exceção”).

No Estado brasileiro, que não é um estado de exceção, não se denuncia nem se julga a partir de preceitos morais. Claro, aqui prevalece o direito, salvo um ou outro momento em que o acusador não se contém e diz tudo o que pensa

do acusado, de suas preferências, seus hábitos, seu linguajar, suas roupas. Excepcionalmente.

No Estado brasileiro, que não é de exceção, vez ou outra prisões preventivas alongam-se até que o réu resolva celebrar acordo de delação -mas esses são casos excepcionais.

Como o Estado brasileiro não é um estado de exceção, aqui não se propõem regressões antidemocráticas, como o fim do habeas corpus ou a aceitação de provas ilícitas nos processos. Claro, exceto quando em nome de uma meta elevada – o combate à corrupção, por exemplo.

Nesse ambiente de tanta excepcionalidade, mas ainda não de um estado de exceção, indaga-se: se foi tão árdua a luta por uma Constituição cidadã, por que tanta gente a ignora?

A partição das atribuições das instituições republicanas, a observância das respectivas esferas de ação dos Poderes, o apego ao conteúdo dos autos de processos, o respeito às prerrogativas da advocacia e a obrigatoriedade da presença do advogado em quaisquer instâncias legais -em contenciosos ou conciliações- não são penduricalhos jurídicos, mas avanços civilizatórios.

Repito o que tenho afirmado com frequência: comete grave erro quem vislumbra vencer a corrupção passando por cima do

direito. Quem age assim costuma também ignorar que prejuízos morais não servem para embasar denúncias, ao menos nos Estados democráticos.

O bom combate à corrupção (não se pode analisar o Brasil sem falar dela), que levará essa praga definitivamente à lona, terá vez no ringue constitucional. Não há outro caminho.

Em termos práticos, caso a caso, é claro que ações policiais contundentes são fundamentais. Ninguém pede que se acoquem bandidos, muito menos que se relativize o crime: um político popular, se corrupto, é tão corrupto quanto o mais impopular dos políticos corruptos. Já destruir a corrupção em seu nascedouro exige um pouco mais de sutileza. A fonte originária deste mar de propinas em que o Brasil se afoga é o relacionamento entre políticos e seus financiadores eleitorais, é a existência de partidos de aluguel, é o notável desprezo com que os administradores públicos olham para a Lei de Licitações.

Não, não vivemos em um estado de exceção, mas em um Estado recheado de excepcionalidades, o que é quase a mesma coisa. Sem uma profunda reforma política, chegaremos lá rapidamente.

**Fábio Romeu Canton Filho, doutorando em direito pela USP, é vice-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção de São Paulo*
Transcrito da Folha de São Paulo

Fala do Psiquiatra e escritor Augusto Cury aos pais das crianças de Janaúba;

Um demônio encarnado em um pobre homem com doenças mentais chega em uma creche com um galão de combustível nas mãos e um isqueiro. É a aproximação do inferno em sua forma mais grotesca. E quem se interpõe doando a própria vida para salvar as crianças? Uma professora. Uma professora que morreu para salvar os filhos de outras pessoas. Uma professora que experimentou as dores do inferno para salvar a vida de muitos pequeninos. Uma heroína anônima que já fazia isso todos os dias antes da tragédia. Uma “simples professora” que já dava sua vida pelos meninos a cada dia, a cada momento de seu magistério. Para ela, a decisão de lutar com o assassino não foi difícil: a decisão já tinha sido tomada, muito antes, 20 anos antes, quando ela escolheu morrer diariamente para dar esperança a crianças pobres deste país.

É disso que eu falo quando digo que ainda há muitos professores comprometidos com seus alunos neste país. É disso que eu falo quando afirmo que há professores e professoras que pensam mais nos alunos do que no salário e nas condições de trabalho. É disso que eu falo quando reafirmo que há professores que se mortificam a cada dia para que seus alunos - sim, “os filhos dos outros”, como muitos dizem - tenham alguma esperança de futuro. É disso que eu falo quando confirmo o que minha experiência na educação básica me ensinou: há muito professor e muita professora que ama o que faz, que ama até as últimas consequências!

A tragédia de Janaúba não é suficiente para que entendamos isso? Quanto tempo mais esses heróis e heroínas anônimos serão desprezados neste país? Quanto tempo mais esses governantes inescrupulosos vão se contentar em fazer discursos vazios no Dia do Professor? Quanto tempo mais os empresários que enriqueceram às custas dos sistemas escolares se contentarão em colocar vídeos ridículos saudando o Dia dos Professores no Youtube? Até quando pais estúpidos e ignorantes, em defesa de seus filhos mal-educados, desprezarão o trabalho e a autoridade dos professores? É só isso o que temos a oferecer em gratidão a esses profissionais: discursos vazios, vídeos ridículos e desrespeito cotidiano????!!

Quando este país vai acordar para a importância e para o sofrimento diário desses profissionais? Quando for tarde demais e nenhuma esperança de futuro restar? Pobre país sem futuro... Pobre país que fez do dinheiro a sua riqueza e esqueceu seu povo... Pobre país que valoriza mais um jogador de futebol

do que um professor... Pobre país em
que uma professora precisa ser queimada
viva para ser lembrada pela mídia...
Miserável país é o nosso!

Na porta de entrada de uma universidade da
África do Sul foi colocada a seguinte mensagem:

“A destruição de uma nação não requer o uso
de bombas atômicas ou o uso de mísseis de
longo alcance. É necessário somente baixar o
nível da educação e permitir que os alunos colem
nas provas...!”

Pacientes perdem suas vidas nas mãos de médicos
assim formados.

Edifícios colapsam quando construídos por tais
engenheiros e arquitetos.

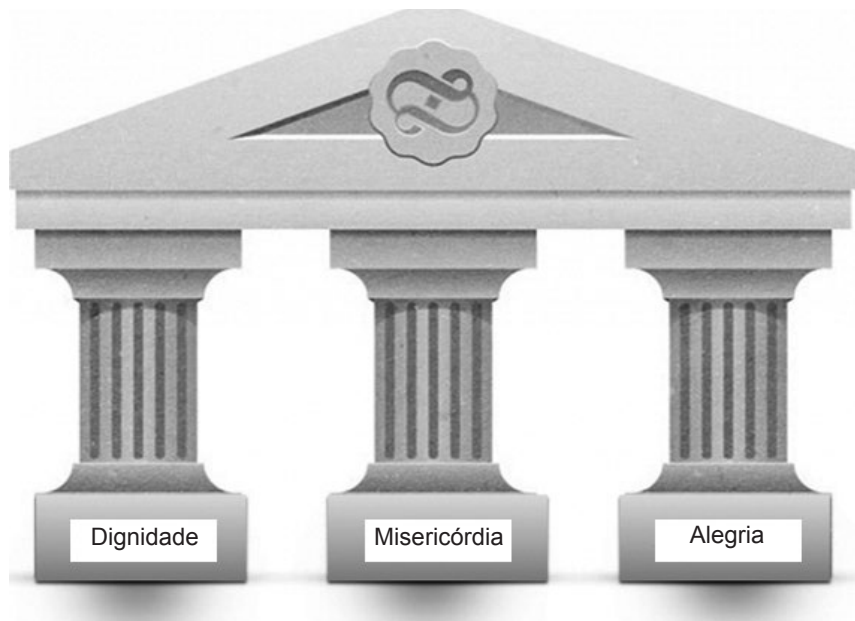
Dinheiro se perde nas mão de tais economistas e contadores.

A Humanidade morre nas mãos desses religiosos.

A Justiça se perde nas mãos desses juízes.

O COLAPSO DA EDUCAÇÃO É O COLAPSO DE UMA NAÇÃO.

Que este espaço em branco sirva como uma pausa para aprofundar os textos acima



LINHAS MESTRAS DO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Padre Luis Gonzáles – Quevedo, Jesuíta, pregador de retiros e orientador espiritual. Redator da revista Itaicí. (Conteúdo resumido de artigo encontrado na revista Vida Pastoral, julho e agosto de 2017, nº 316).

Tendo escrito ao Papa Francisco, perguntando-lhe que temas de seu pontificado gostaria que não fossem esquecidos, Padre Quevedo obteve como resposta as idéias mestras de ser pontificado, ou seja: dignidade, misericórdia e alegria.

A) DIGNIDADE:

A dignidade de todo ser humano é prioritária, com destaque para as pessoas mais vulneráveis: os pobres, os doentes, as crianças, os velhos, os refugiados.

A dignidade humana não é um atributo só de palavras, mas de gestos concretos.

É preciso demolir os muros que dividem Países e pessoas e construir fontes que permitam a redução das desigualdades. Denunciando a cultura da indiferença e a do descarte, ele estimula a cultura do encontro e a cultura da misericórdia.

Assim, por exemplo, entre muitos, o Papa abraçou na praça de São Paulo um doente com o rosto deformado por uma doença rara. Recebeu em audiência privada um casal “transexual espanhol; saiu do vaticano para visitar sete padres que abandonaram o sacerdócio e constituíram família.

Na carta Apostólica Misericórdia et Misera, 20-11-2016, Francisco insiste no dever de resgatar a dignidade inviolável da vida humana e denuncia a cultura do individualismo que leva as pessoas a perderem o sentido de solidariedade e de responsabilidade para com os outros.

No final deste documento o Papa instituiu O DIA MUNDIAL DOS POBRES a ser celebrado no 33º Domingo do tempo comum.

B) MISERICÓRDIA:

Por seus gestos de solidariedade, Francisco expressa sua fé em Jesus Cristo, O ROSTO DA MISERICÓRDIA DO PAI. FÉ e PERDÃO são duas vertentes importantes do ROSTO DA MISERICÓRDIA DE DEUS.

Assim, para Bergoglio, não é Deus que cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir-lhe perdão. Para o Papa Francisco, Deus que a tudo ama, não exclui ninguém de seu amor.

O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA! Com palavras simples e profundas Bergoglio apresenta “O ROSTO DE UMA IGREJA QUE NÃO JOGA NA CARA DAS PESSOAS AS SUAS FRAGILIDADES E FERIDAS, MAS AS CURA COM O REMÉDIO DA MISERICÓRDIA”.

Na vida histórica de Jesus de Nazaré, “A MISERICÓRDIA DE DEUS NÃO É UMA IDEIA ABSTRATA MAS UMA REALIDADE CONCRETA” (Francisco, 2015 , nº 6).

C) ALEGRIA:

A Igreja que o Papa Francisco deseja é uma Igreja de rosto alegre, evangelizadora e misericordiosa “pobre e para os pobres” uma Igreja aberta dos problemas da humanidade, em diálogo com o mundo atual, com outras Igrejas Cristãs e outras religiões. Ele se diz um continuador do Concílio Vaticano II e dos papas anteriores, cujos documentos cita frequentemente.

Para o padre González – Quevedo, o cardeal Bergoglio foi eleito por seu testemunho pessoal de homem de fé, bem como por sua esperança de profunda renovação do governo geral da Igreja Católica, que sai de si mesma e vai para as periferias, não só geográficas, mas existenciais.

O então cardeal argentino trouxe, como tal, o perfil do papa que a Igreja precisava: “UM PAPA DINÂMICO, QUE TENHA O ROSTO ALEGRE E SEJA A CARA DE UMA IGREJA MÃE FECUNDADA DOCE E CONSOLADORA ALEGRIA DE EVANGELIZAR”.

A Igreja do Papa Francisco está próximo dos pobres, testemunhos a misericórdia do Deus, que suscita alegria, por que o coração se abre à esperança de uma vida nova.

*“Inspiração Bibliográfica: -
Vida Pastoral ano 58 número 316”*



Natal: tempo de ternura, de afagos

Deonira L. Viganó La Rosa

Sinto-me impelida a novamente falar sobre ternura. Impossível olhar para o Deus-Criança, no presépio, sem sentir uma imensa ternura e um desejo infinito de paz.

Os afagos dizem mais que as palavras, com frequência se transformam na melhor terapia, já que um só é suficiente para erguer uma pessoa e fazê-la ir adiante. Há um afago para cada pena... E o calor de um afago a si mesmo é indispensável para ficar bem nutrido e então poder acariciar os outros, poder amar.

A ternura é sinônimo de calor, de toque, de palavras gentis, de gestos delicados. Ela se exprime também no silêncio, na escuta, na compreensão do outro. Aparece igualmente na entonação da voz, na doçura das palavras.

Nosso tempo se caracteriza por comportamentos anti-natal, anti-ternura, anti-respeito, grosserias, seja no cotidiano, seja nos meios eletrônicos. Mudar é preciso, ainda que seja no pequeno, no que está a nosso alcance. E Natal é tempo para esta mudança.

O MAIOR INIMIGO DA TERNURA

O maior inimigo da ternura é uma inscrição, no mais profundo do nosso ser, e que muitos recebemos desde crianças, direta ou indiretamente: “Tu não deves mostrar teus sentimentos, teus desejos”. Esta mensagem inscrita no subconsciente constitui um bloqueio aos afetos, uma proibição, muito mais forte do que imaginamos. E tão forte quanto ela é o fato de, muitos de nós, não termos recebido afagos e ternura no decorrer da vida, so-

bretudo na infância e adolescência. Como dar o que você não recebeu? Mas, atenção, nada é fatal, existe a resiliência, a capacidade de mudar para melhor.

SER TERNO, ACARICIAR,
AFAGAR... SE APRENDE

Nosso corpo é como se fosse uma antena, supersensível, e é através dela que nos comunicamos com os outros.

Na idade adulta, podemos ter perdido contato com uma parte de nossa antena devido às mais diversas experiências pelas quais passamos, rejeições, maus tratos, leituras, filmes, convivência com pessoas duras ... Disso tudo resultou que nossa antena não percebe mais os sinais da ternura. Que fazer então para consertar os sinais da antena?

Colocar mais coração nos nossos relacionamentos. Já dizia o pequeno príncipe: "O essencial é invisível aos olhos, só vemos bem com o coração".

Não deixemos que a ternura desapareça de nossas vidas. Queixas, ressentimentos, culpabilizações são amortecedores da ternura.

Podemos reaprender a afagar, agradecer, abraçar o marido, a mulher, as crianças e os filhos adultos também. Vamos desconstruir a ideia de que afagar é rebaixar-se, é ser inferior, é ser ingênuo. E por que muitos filhos homens pararam de beijar e tocar seu pai?

Não manifestar a ternura é sinal de pobreza emocional e de bloqueios que podem ser identificados com observação, silêncio, meditação.

Precisamos nos enternecer, fazer um tratamento sendo nós mesmos os terapeutas. Observar, dar-nos conta como somos, o que aconteceu conosco. Vamos resgatar o corpo, a pele, porque sem eles não podemos mostrar amor. Vamos exercitar, urgentemente. É só começar. Vencer a resistência.

Aproveite o Natal, saia presenteando afagos e ternura. Comece com os mais próximos, seu marido, sua mulher, filhos, amigos e chegue até os mendigos, os abandonados, os pobres. Peça a seus filhos, seus netos, que façam o mesmo.

Deonira L. Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.

deoniralucia@gmail.com



*Nada lhe pertence, porque você
não trouxe nada para cá e não
pode levar nada daqui.*

A vida é o único caminho.

Osho

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIREITO DA FAMÍLIA À LIBERDADE FRENTE AO TRABALHO ESCRAVO

Respeitada a divindade do ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus, o homem nunca poderia, e não pode, ter pas-

sado pela escravatura, pois desde a sua criação ele nasceu para ser LIVRE. O dom da liberdade concedido ao ser humano pelo Criador, lhe faculta as prerrogativas libertadoras que lhe garantem, dentre outros, o direito de ir e vir, do livre pensamento, de se expressar livremente, enfim, de ser libertos de todas e quaisquer “amarras” que venham tolher a prática de sua liberdade como um direito assegurado à sua condição de HUMANO.

Com o passar das eras, vencidas as etapas históricas do tempo, a família humana vem sendo desafiada ao enfrentamento de limitações que lhes são impostas por um processo injusto e cruel de dominação. A dominação do homem pelo homem, de famílias sobre famílias, de indivíduo sobre indivíduo, de sistemas sobre massas populacionais, ou seja, uma limitação geral e irrestrita da liberdade no seu mais amplo sentido, colocando o homem subjugado ao mando, à subserviência, à obediência, à servilismo de outro homem.

“Que revolução ética e moral importa fazer para curar a maior chaga que envergonha a humanidade... os milhões de seres humanos que gritam desesperadamente ao céu pedindo um pouco de compaixão e misericórdia em forma de pão, de água potável, de saúde, de casa, de reconhecimento e de inclusão na família humana”???

Leonardo Boff em “Ética e Moral – a busca dos fundamentos”.

Redondamente desinformados e até alienados estão aqueles que pensam que esta dominação está extinta. Ela sempre esteve presente ao longo de todos os tempos, de todas as eras históricas, na biografia da FAMÍLIA HUMANA.

Citado em Brasil Uma História – Cinco Séculos de Um País em Construção, de Eduardo Bueno, Ed. Leya, Rio de Janeiro, 2012, chama a atenção o seguinte trecho:

“As colônias – especialmente o Brasil – se desenvolveriam sem livros, sem universidades, sem imprensa, sem debates nem inquietações culturais; em uma palavra sem o frescor do humanismo renascentista. “A inteligência brasileira viria a constituir-se submetida à direção da Companhia de Jesus, sob a égide da Contrarreforma e do Concílio de Trento”, como diagnosticou Wilson Martins. “Esse desejo de perpetuar a ignorância (...) condicionaria as perspectivas mentais do Brasil por três séculos”.



Esta realidade nos faz perguntar o porquê da sombra desses três séculos permanecer pairando sobre nossas cabeças, quando, estupefatos, assistimos a repetição indefinida (até quando?!) desse status quo. Atualmente o extrativismo é tão sofisticado que não conseguimos perceber que o pau-brasil de ontem está travestido nas divisas que se esvaem para satisfazer a voracidade do capital financeiro internacional; isto sem contar o “contrabando” de dinheiro lavado nos paraísos fiscais; sem falar nas novas formas, sofisticadas ou não, de escravismo, sob o beneplácito e incentivo do próprio estado.

UMA NOTÍCIA INTRIGANTE

Em publicação no Diário Oficial da República Federativa do Brasil, a portaria nº 1129 do Ministério do Trabalho, datada de 13/10/2017, dispõe sobre o CONCEITO DE TRABALHO FORÇADO, JORNADA EXAUSTIVA E CONDIÇÕES ANÁLOGAS AO REFERIDO TRABALHO. O documento, que provocou forte reação da sociedade civil, visivelmente criado sob forte pressão de interesses políticos e econômicos, de grupos dominadores com forte tendência para escravizar pessoas, acabou por merecer do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL uma

liminar suspendendo os efeitos da portaria, medida em relação à qual cabe recurso.

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO FATO:

A portaria seria apenas mais uma, entre milhares, normalizando as atividades humanas. Entretanto, de acordo com a ministra Rosa Weber a portaria tem como provável efeito prático o estímulo ao trabalho escravo no Brasil.

Diante do acontecido, algumas questões se interpõem, aguçando a reflexão de quem se coloca como cidadão:

- Seja qual for a atividade, justifica-se o trabalho escravo?
- Que padrões éticos e morais dão sustentação à atividade escravagista?
- Justifica-se que em nome do enriquecimento de ALGUNS, um grande número de pessoas sobrevivam em condições que são, muitas vezes, rejeitáveis por animais irracionais?
- Vale a pena o mando irracional em defesa do poder político messiânico, destruidor do meio ambiente e da vida humana na terra?
- De que serve o avanço científico e tecnológico se os mesmos não servem para a parcela significativa da população que vive em condições semelhantes ao trabalho escravo, ou mesmo como tal?

• Para quem sofre os efeitos da destruição de mineradoras,

da exploração em consequência da busca por ouro e pedras “preciosas”, justifica-se a discussão sobre a prática da justiça?

- De que vale o controle sobre vidas humanas exercido, na indústria da pesca, ignorando a misericórdia divina pela destruição da natureza e pelo trabalho do ser humano semelhante ao dos escravos?

Quem não deseja conviver com a ampliação do trabalho análogo ao escravo precisa VER A REALIDADE COMO DE FATO ELA É. Necessário se faz ultrapassar os limites da aparência e dos sentimentos subjetivos, caminhos utilizados para a transformação de populações nacionais em massa humana de manipulação que se deixa escravizar.

É a parcela numerosa do Povo de Deus que habita o Brasil, rica de nada e sedenta de oportunidades de vida justa, que perambula pelas ruas e pelos campos, praticando a “ÉTICA E A MORAL DA SOBREVIVÊNCIA”, que está a exigir, segundo o Papa Francisco tem dito em suas pregações, uma continuada atitude de MISERICÓRDIA E DE LIBERTAÇÃO.

A situação de excludência e de sofrimento, mais séria e ampla do que se pensa, está a exigir das pessoas que pensam a missão de cultivar o SENSO CRÍTICO E O JULGAMENTO em relação a tudo aquilo que significa sofrimento e morte, inclusive do planeta terra.

O QUE FAZER:

Para as pessoas que acreditam não haver saída e defendem que o progresso só é possível se construído sobre a base da política da manutenção de diferenças e do cultivo do trabalho que exclui, que é violento e destruidor, a realidade está a sugerir que DOCUMENTOS COMO ESTE ARTIGO SEJAM RASGADOS E DÊM LUGAR AOS COMPORTAMENTOS ESCUSOS, DISSIMULADOS E MUITAS VEZES AMPARADOS EM LEIS E REGULAMENTOS QUE JUSTIFICAM A GANÂNCIA, O ASSÉDIO MORAL E OUTROS MALEFÍCIOS.

Entretanto, para as pessoas que acreditam na existência de uma saída e defendem que a terra é obra de Deus e que nela tudo é colocado para o sustento e a qualidade de vida dos seres humanos, existe a sugestão da prática da PEDAGOGIA DA ESPERANÇA, apoiada no cultivo continuado da fé, na vocação para fazer o bem (não importa para quem) e na proposta da MISERICÓRDIA. Estas sugestões podem não eliminar o problema do trabalho escravo, no Brasil e no mundo, vítima de imperfeições do próprio ser humano, mas, sem dúvida, trará relações humanas mais felizes.

PENSE E APERFEIÇOE A PROPOSTA DE BUSCA DE FELICIDADE!

*João Borges Filho, Luiz Carlos
Torres Martins e Oscavo Homem
de Carvalho Campos são Membro
do MFC Juiz de Fora/MG*



RODAS DE FÉ E CIDADANIA

(conclusão da edição anterior)

III – Uma proposta.

Uma preocupação maior: ver a Comissão de Justiça e Paz como mobilizadora e promotora de evangelização e educação para a Cidadania, superando os riscos de se deixar arrastar para baixo pela lei da gravidade do burocratismo estéril.

Desejável e urgente será ver a CJP ajudando toda a Igreja que está em Olinda e Recife a resgatar seu papel histórico de evangelizadora e educadora social, a serviço da libertação integral do povo deste território, com foi um tempo, e marcou época, na História, e lugar na Geografia, quando recebeu a graça de ter como pastor a figura ímpar de + HELDER CAMARA, o DOM.

Para tanto, levando em conta todas as considerações acima expostas por cientistas sociais e políticos de peso, e, sobretudo, as orientações de Papa Francisco, a CJP se disporia a:

- mobilizar, em todos os espaços ou segmentos eclesiais, pes-

soas interessadas ou interessáveis em assumir um serviço voluntário de evangelização e educação para a Cidadania entre as pessoas da sua convivência eclesial ou próximas, que consistiria em organizar RODAS DE FÉ E CIDADANIA, portanto, com esse objetivo evangelizador e conscientizador;

- oferecer a essas pessoas, candidatas a animadores e animadoras das Rodas de Fé e Cidadania, uma oportunidade de formação quer intensiva, quer continuada, em função desse serviço;

- em função desse processo formativo, ora intensivo, ora continuado, criar uma Equipe multidisciplinar de assessores e assessoras com competência em Ciências Econômicas, Sociais e Políticas, em Ecologia, em Ciências Teológicas, em Pedagogia, Arte-Educação e Comunicação, capaz de promover, ao longo do ano:

- sessões regulares de formação intensiva, a modo de seminários, semanas de estudo e debates, algo assim, por exemplo, no início de cada semestre);

- encontros mensais de compartilhamento e revisão das experiências com as RODAS DE FÉ E CIDADANIA;

- eventos celebrativos, a modo de culminâncias de todo esse processo educativo, encontro festivos de todas as Rodas de Fé e Cidadania;

- elaborar projetos e encaminhá-los para instâncias eclesiais a quem compete garantir o financiamento de despesas ordinárias ou eventuais, e/ou, para entidades financiadoras;

- Contatar as demais Igrejas Cristãs articuladas no CONIC para uma semelhante programação em conjunto.

IV – O jeito e o espírito das RODAS DE FÉ E CIDADANIA.

Lições de um passado virtuoso e inspirador: o Movimento de Cultura Popular, nos anos 59/60... Seus ícones imortais: Pelópidas Silveira, Miguel Arraes, Abelardo da Hora, Hermilo Borba, Ariano Suassuna, Paulo Freire, Germano e Norma Coelho, Anita Paes Barreto, Geraldo Menucci et alii...

Lições de um passado ousado e corajoso: o Movimento Encontro de Irmãos, num tempo de trevas, de fé e resistência... Seus ícones inesquecíveis: Dom Helder Câmara, Pe. René Guerre, João Francisco de Souza, Abdaláziz Moura, Pe. Adriano e Helena Jansen et alii...

É dessas raízes que podem brotar hoje jeitos de fazer Educação Popular e Evangelização, que poderiam se concretizar em

- Rodas de conversa, onde a prioridade é a palavra de todas e de cada uma das pessoas participantes, seus pontos de vista, mutuamente compartilhados e escutados...

- Onde o papel de quem anima é, primeiro, de provocar a fala e a participação de todas e de cada pessoa. Em seguida, de dialogar com os interesses e pontos de vista do grupo, ora ajudando a relacionar as opiniões, ora colaborando com informações, ora provocando novos debates, ora ajudando a sintetizar a verdade maior que brota do confronto de todos os pontos de vista, ou a chegar a um consenso, quando se tratar da tomada de decisões...

- Pra começo, para avanço ou pra final de conversa, de repente, o recurso a algum tipo de dinâmica de grupo ou de linguagem e atividade artística poderá ser da maior utilidade e interesse. E aí, vale apelar para os conhecimentos, os gostos e habilidades dos próprios participantes da Roda, as competências de quem anima, a capacidade de perceber o que faz sentido, o que vale a pena, o que cabe melhor em cada momento, a capacidade de improvisar (lembrando que se improvisa tanto melhor, quanto mais se está preparado pro que der e vier). E valem todos os tipos de dinâmica e todas as linguagens artísticas, bem como a combinação delas, sejam artes visuais ou plásticas, ou cênicas, ou musicais, ou literárias;

- Importante é encarecer e sentir o progressivo empoderamento das pessoas e de todo o grupo

na tomada de consciência da realidade social e política, na capacidade de verbalizar seus pontos de vista à medida que se enriquece sua percepção e compreensão da realidade, no crescente envolvimento e engajamento nas lutas de todo o povo por direitos e mudanças, no gosto de celebrar os passos dados, as vitórias e conquistas;

- A dinâmica do VER-JULGAR-E-AGIR, tanto como método de revisão de vida, quanto como método de abordagem e enfrentamento dos problemas sociais e políticos pode ser um precioso e determinante recurso pedagógico, bem entendida cada uma das três “operações”. Assim, colocados os fatos ou situações do interesse de cada participante, escolhido democraticamente o fato ou situação que se quer abordar entre todos e todas,

- VER = é o momento de análise profunda, em que o olhar da cada pessoa e de todas é aguçado para perceber bem o que aconteceu ou está acontecendo... quando e onde... quem está envolvido (pessoas e entidades..., como age ou reage cada pessoa ou entidade em questão... consequências resultantes desse fato ou situação para cada pessoa ou entidade... causas, raízes profundas de tudo isso... o que sobra como desafio maior para o grupo encarar...

- JULGAR = é o momento de avaliar tudo isso, mas especialmente, o desafio que o grupo quer encarar, à luz dos valores e crenças dos participantes... da sabedoria

popular... do que nos legaram os pensadores e pensadoras do povo, seus poetas e poetisas... Por fim, avaliar tal desafio à luz da Fé Cristã (o testemunho das Sagradas Escrituras, do Magistério da Igreja, e do testemunho de vida e fé dos nossos heróis e heroínas da Fé) ... procurando entender “os sinais do tempo”, e qual o apelo de Deus para o grupo, diante do desafio que a realidade analisada coloca;

- AGIR = Definir, entre todos e todas, como responder concretamente a este apelo de Deus, diante do desafio colocado para o grupo pelo fato ou situação analisada: começar por onde... fazer o quê... dividir tarefas... verificar do que se vai precisar como recursos... definir passos e prazos... agendar a avaliação dos resultados...

- Em cada uma dessas operações, vale fazer uso de dinâmicas e de atividades artísticas, como ficou dito acima, bem como coroar cada etapa com um bom momento celebrativo, orante e motivador.

V – Além, logo mais, no horizonte...

As lições e experiências do passado nos permitem enxergar, antecipadamente, os resultados alvissareiros de todo este processo virtuoso, desencadeado em nome da Fé e da Cidadania:

- Presença cristã, lúcida e atuante, em Associações de Moradores, contribuindo para a revitalização das existentes, ou mesmo,

criação de novas, com espírito de autonomia, iniciativa e criatividade, como espaços de mobilização, debate e decisão, a respeito do que são os interesses da população dos bairros, livres da atuação perniciosa de oportunistas, cabos eleitorais e políticos clientelistas...

- Presença cristã, lúcida e atuante, nos Conselhos Tutelares, contribuindo para a libertação da ação nefasta ou da ineficiência de indivíduos oportunistas ou descomprometidos com a causa da Infância e da Adolescência, e das famílias vítimas e precisadas de ajuda...

- Presença cristã, lúcida e atuante, nos vários Conselhos Paritários de Políticas Públicas, contribuindo para uma atuação mais vigilante, independente, responsável e criativa dos mesmos, em função dos interesses prioritários dos vários segmentos representados nestes Conselhos, livrando-os da cooptação das gestões e dos políticos clientelistas...

- Presença cristã, lúcida e atuante, nos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras das várias categorias profissionais, contribuindo para a renovação e o pleno funcionamento dessas entidades de classe, como espaços democráticos e autônomos de debate dos problemas e interesses de cada categoria, livres do clientelismo de sindicalistas oportunistas, livres da inércia burocrática e do peleguismo;

- Presença cristã, lúcida e atuante, nos Partidos Políticos, historicamente comprometidos com as

causas e as lutas populares, contribuindo para a renovação e o pleno funcionamento dos mesmos, ou até para a criação de novos partidos, de modo que atuem como espaços democráticos e autônomos de debate dos problemas e interesses da população, priorizando os mais necessários, como também, para que se expurquem da praga do clientelismo atrofante, do burocratismo estéril, dos esquemas de corrupção e dos conchavos com as oligarquias;

- Presença cristã, lúcida e atuante, no seio da sociedade, em cada ambiente de vida, servindo à fermentação de uma nova consciência política, preparando os vários segmentos da população para um eventual processo constituinte, capaz de dar uma nova configuração ao regime democrático, neste país, aperfeiçoando as conquistas já consagradas pela Constituição Cidadã de 1988, tanto no sentido de garantir-lhes plena abrangência e eficácia, quanto no sentido de qualificar a representação nas instâncias da democracia representativa, preservando-a da influência nefasta do poder econômico e favorecendo a emergência das maiorias periféricas, até agora pouco ou nada representadas;

- Presença cristã, lúcida e atuante, no seio das Igrejas, nos vários segmentos e oportunidades da vida eclesial (paróquias, comunidades cristãs, movimentos, pastorais, associações, eventos formativos ou festivos), contribuindo para um processo evangelizador permanente

que assuma com clareza e coerência as implicações sócio-políticas do Evangelho, de modo a poderemos contar, cada vez mais, com a presença libertadora de cristãos e cristãs no seio da sociedade, como sal que fertiliza, luz que clareia, fermento que transforma, livrando as Igrejas da dominação e do aburguesamento clerical e da pecha da alienação, que profana o Nome de Deus, ao impedir que seu Reino venha e sua Vontade seja feita “assim na terra como no céu”.

Reginaldo Veloso, Presbítero leigo das Comunidades Eclesiais de Base; Assistente adjunto do Movimento de Trabalhadores Cristãos (ACO/ MTC) – Regional NE 2; Assessor Pedagógico Nacional do Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC; Membro da Equipe de Reflexão sobre Música Litúrgica do Setor de Música-Liturgia da CNBB; Assessor Pedagógico do Programa de Animação Cultural – PROAC; Mestre em Teologia e em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, Roma (1962 e 1965, respectivamente).

Frases do Barão de Itararé



Negociata é todo bom negócio para o qual não fomos convidados.

Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer.

Tudo seria fácil se não fossem as dificuldades.

Nunca desista de seu sonho. Se ele acabou numa padaria, procure em outra.

Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância.

Há seguramente um prazer em ser louco que só os loucos conhecem.

Pobre, quando mete a mão no bolso, só tira cinco dedos.

O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro

A crise das instituições e a instituição Igreja

Eliezer Leal *

Muito tem se falado sobre a crise das instituições. Antropólogos, economistas, religiosos e historiadores concordam que esta é uma crise de nosso tempo e concluem que modelos tradicionais de instituição não atendem mais as demandas da sociedade atual. Empresas, escolas, sindicatos assim como as fronteiras e os relacionamentos estão passando por uma profunda transformação que provavelmente demore algumas gerações para serem novamente definidos em um verbete de enciclopédia.

A filosofia é um campo que interpreta bem esta nossa crise. A nossa época, segundo Heidegger, é uma época terminal desse paradigma que, de um lado, é brilhante no que se refere à engenhosidade e ao domínio tecnológico, mas, por outro, indigente quanto ao sentido e ao valor das coisas para o homem.

As igrejas históricas, como não poderia deixar de ser como instituições centenárias, sofrem com esta crise em suas questões mais superficiais do dia-a-dia, além do campo filosófico-teológico. É com muita dificuldade que conseguem susten-

tar seus grandes prédios, funcionários e até seus pastores. E, presas a seus modelos tradicionais litúrgicos e de gestão, como qualquer outra instituição antiga, quando tentam, falham na modernização do modelo focando no populismo como resposta a crise econômica que enfrentam.

Mais do que pensar “fora da caixa”, termo moderno da administração criativa, olhar para trás é uma das alternativas de reinventarmos o presente. E a igreja na América Latina possui um histórico maravilhoso de engajamento social de grande impacto em seus territórios.

Assim percebo uma das mais fantásticas experiências que vi recentemente. Começou com um missionário que queria ajudar os atingidos pelo grande desastre natural ocorrido na Serra Fluminense em 2011 observando suas demandas. O projeto continuou pelos anos subsequentes



com o escoamento direto da produção agrícola familiar para feiras solidárias semanais realizadas em várias igrejas da cidade do Rio de Janeiro. Os membros destas igrejas históricas da metrópole foram beneficiados e envolvidos com a produção e os problemas do campo. As áreas das igrejas antes ociosas se encheram de verduras e frutas. Isto proporcionou a criação de cooperativas de trabalho e a redução drástica da desigualdade social naquela região da serra, além de evitar o êxodo de jovens para a cidade e fazer crescer o sentimento solidário nas famílias beneficiadas.

Creio ser necessário reabrirmos nossas portas e mentes, e fazer das ruas nossas paróquias para construirmos um novo modelo de instituição -Igreja de real impacto social. E um dos vários meios de entendermos e construirmos este novo modelo é olhando pelo retrovisor. Retropia, é um termo do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que nomeia essa retomada de ações e modos de fazer. Entendo como urgente a necessidade de se olhar para o passado. Num passado em que tínhamos uma rela-

ção menos alienada, no sentido marxista, com aquilo que consumíamos e necessitávamos e que produzíamos a nossa existência. E era nesse fazer que as relações entre as pessoas eram fortalecidas, no plantar, no colher, no produzir o nosso próprio alimento. Por isso a retropia nos convoca ao trabalho conjunto e ao exercício de ser comunidade. Para se construir algo diferente no futuro com mais sentido e valor para a humanidade as instituições/igrejas podem fomentar essas duas dimensões do produzir e do estar junto como possibilidade real para sua continuidade e celebração da vida como graça.

** Eliezer Leal é membro da juventude de Igreja Cristã de Ipanema/RJ e ativista social "eliezersleal@gmail.com"*

Transcrito do Boletim Rede

QUESTÃO PARA REFLEXÃO INDIVIDUAL OU EM GRUPO:

A utopia nos convoca ao trabalho conjunto e ao exercício de ser comunidade. Como fazer isso a partir de pequenas comunidades familiares ou seja em igrejas domésticas?





A ética dos carros autônomos

*Ronaldo Lemos**

O conceito de inteligência artificial faz 50 anos neste mês. O termo é creditado a John McCarthy, professor de matemática do Dartmouth College, nos Estados Unidos.

Ele adotou a expressão em 1956 em uma conferência para trabalhar “a conjectura de que todos os aspectos do aprendizado e outras características da inteligência podem em princípio ser precisamente descritas de modo que uma máquina seja capaz de simulá-las”.

Para celebrar a data, vale voltar a 1942, quando o escritor de ficção científica Isaac Asimov criou suas três leis da robótica.

A primeira diz que “um robô não pode ferir um ser humano”.

A segunda diz que o robô “deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos”, exceto se houver conflito com a primeira lei.

A terceira diz que o robô “deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira ou segunda lei”.

Nessa época, a ideia de automação ainda pertencia ao território da ficção. Hoje, essa questão não só está entre nós de forma prática como gera questões que dão curto-circuito nas leis de Asimov. Criar princípios éticos para automação deixou de ser um exercício literário para se tornar uma questão prática urgente.

Basta perguntar à Alemanha. Em junho, o Ministério do Transporte e da Infraestrutura Digital daquele

país publicou um relatório estabelecendo os princípios básicos que deverão ser aplicados pelos carros autônomos.

Como se sabe, estamos no limiar do momento em que esses carros começarão a tomar as ruas das cidades.

A questão é que inevitavelmente haverá situações em que a máquina (guiada por software) precisará tomar decisões “éticas” que terão impacto na vida e na integridade física de seres humanos. Em outras palavras, as leis da robótica clássicas são insuficientes para resolver essas situações.

Tanto é que o documento alemão traz não três, mas 20 princípios que deverão ser respeitados pelos carros autônomos.

A leitura do documento é fascinante. Há princípios gerais como a determinação de que “o propósito das modalidades autônomas de transporte é melhorar a segurança” e que “a proteção de indivíduos tem precedência sobre qualquer outra consideração utilitária”.

No entanto, acidentes muitas vezes serão inevitáveis. Nesses casos, “os sistemas devem ser programados para aceitar danos a animais ou a propriedades se isso significar a segurança de pessoas”.

Além disso, em tragédias iminentes, “é estritamente proibido fazer distinções com base em características pessoais (idade, gênero, estado mental etc.)” sobre quem será atingido. É também proibido por considerações utilitárias “sacrificar qualquer pessoa não envolvida na geração dos riscos de mobilidade”.

Em outras palavras, vamos precisar ensinar às máquinas coisas que nós, humanos, nem sequer sabemos enunciar precisamente, como moralidade e bom senso. Se John McCarthy estivesse vivo, convocaria uma conferência para trabalhar com a “ética artificial”.

Ronaldo Lemos é advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil.

Transcrito da Folha de São Paulo





Amor Sob medida e Amor Sem limites

Effy De Lille

Há algumas semanas, surpreendi-me queixando-me de estar dando o melhor de mim pelos que amo e que, para eles, parecia não ser suficiente. “É possível dar mais quando já se está dando o melhor?”, perguntei-me. A resposta não se fez esperar: “para quem ama, não se deve dar o melhor, é preciso dar tudo.”

Esta certeza me fez lembrar de uma pequena experiência que fiz com um vídeo musical que chegou às minhas mãos no ano passado. O filme conta a história de um fotógrafo e de uma estilista que se apaixonam profundamente. Um dia, ela perde a visão em um acidente e, ainda que a recupere em um transplante de córneas, não tem mais notícias do seu amado. Passado um tempo, ela encontra um cego sentado em um banco com uma foto como única posse. Quando reco-

nhece a si própria na foto, reconhece também no cego o seu querido artista. Então compreende tudo: ele havia sido o doador.

A experiência foi muito simples: assisti ao filme com diferentes pessoas - desde adolescentes até mães de família - e a pergunta que fiz a eles ao fim da história foi a mesma: “O que você pensa sobre a atitude do fotógrafo?” Recebi diversas respostas, mas a que mais me chamou à atenção foi: “Teria sido melhor se tivesse dado um olho, assim teria ficado com um. Desta forma, ele poderia continuar a ser fotógrafo e ela, estilista. Ambos estariam felizes por enxergar um ao outro”.

A minha primeira reação quando ouvi esta opinião de um jovem universitário, foi concordar em parte com ele e fiquei sem saber o que responder. Em pouco tempo, tive a oportunidade de repetir minha experiência, desta vez com uma jovem mãe. Quando

comentei sobre a opção de doar apenas um olho (sem dizer que seu filho dera essa reposta), respondeu-me sem pensar: “O fotógrafo não teria demonstrado que amava de verdade a garota se não tivesse dados os seus dois olhos. Porque o amor dá tudo e não reserva nada para si”

Que diferença enorme entre a primeira visão do amor e a segunda! Muitas pessoas pensam, como o jovem, que o amor exige doação, mas com limites, que às vezes resulta em dor, mas não muita, exige renúncias, mas até certo ponto... Podemos chamar a esta visão de “amor sob medida”, porque para quem pretende amar deste modo, o ponto de referência sempre será ele próprio: entrega-se enquanto não estiver cansado, suporta tudo somente se depois receber algo em troca, está disponível sempre que não altere os seus planos...

Felizmente, outros tantos como aquela mãe descobriram com a experiência o que é o amor real, o amor que dá tudo. Quem ama de verdade busca desinteressadamente o bem objetivo para os que ama, consciente de que, para conseguir esse bem que o outro necessita, sempre será necessário esquecer de si mesmo, com

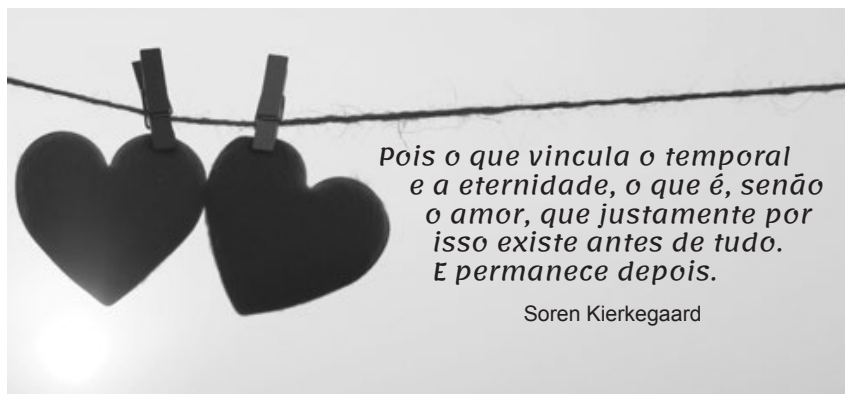
os pequenos ou grandes sofrimentos que acontecem no dia-a-dia.

Às vezes, será dirigir quando o outro está cansado, aprender a gostar da música que gosta, respeitar o seu silêncio, apressar-se para não se fazer esperar... Quando amamos alguém de verdade não amamos apenas o que há de melhor na pessoa, mas sim como ela é. Já que, da mesma forma, aqueles a quem amamos não esperam somente o melhor de nós, mas esperam tudo de nós.

Em um mundo em que tudo é quantificável e limitado, que liberdade saber que o amor não tem limite, pois a medida do amor é amar sem medida! Não faz falta buscar momentos extraordinários na vida para dar-se inteiramente, como no caso dos apaixonados do vídeo. Não temos que esperar o fim de semana, por exemplo, para oferecer aos que amamos o melhor de nós mesmos. Ao contrário: a vida está repleta de muitos detalhes e cada um pode ser um gesto de amor.

Ao fim, um dia poderá ser um ato de entrega de tudo o que somos se a cada momento buscamos fazer felizes a quem amamos.

Publicado no Portal da Família



*Pois o que vincula o temporal
e a eternidade, o que é, senão
o amor, que justamente por
isso existe antes de tudo.
E permanece depois.*

Soren Kierkegaard



*Manuela Carneiro Da Cunha**

O preço está alto demais. Para fazer passar no Congresso as reformas trabalhista e da Previdência, o governo Michel Temer está rifando a dignidade do Brasil. “Não tem nenhum partido com o tamanho da Frente Parlamentar Agropecuária”, foi a declaração do deputado presidente desse grupo, Nilson Leitão (PSDB-MT). Entenda-se: mandamos no Congresso.

Com o Executivo arregimentando os votos de que precisa para sua agenda, é o momento propício para que essa frente ruralista obtenha o que pretende -e mais alguma coisa.

E o que quer é assombroso. Custa acreditar que represente o conjunto dos ruralistas do Brasil: deve haver, tem de haver ruralistas mais esclarecidos.

Enquanto isso, uma chuva de projetos de medidas provisórias está, aos poucos, sendo aprovada no Congresso Nacional.

Às favas a Política Nacional do Meio Ambiente e as unidades de conservação; às favas a proteção de pequenos agricultores e de trabalhadores rurais, que voltariam a um regime de escravidão; às favas os direitos dos índios e dos quilombolas; às favas os acordos internacionais assinados, a liberdade de expressão de antropólogos, o Iphan e a Funai e todas as instituições reguladoras. A lista prossegue e pode se resumir no seguinte:

“Às favas a Constituição. Aliás, se conseguirmos, faremos uma nova...”.

Pensei em reiterar neste texto os dados que cientistas preocupados com o futuro do Brasil expuseram na Reunião Magna da Academia Brasileira de Ciências, na semana passada, e que se somam a outras tantas manifestações contrárias à agenda parlamentar ruralista.

Mas percebi que a esta altura tudo isso é redundante. Um debate baseado em dados e valores

não está tendo o peso que deveria. Afinal, já se apontaram em detalhes os prejuízos irreversíveis do que a bancada da Frente Parlamentar da Agropecuária quer fazer ao país com suas propostas de desproteção.

O Ministério Público Federal emitiu uma nota técnica contundente contra o substitutivo em pauta no Congresso que desfigura o licenciamento ambiental. Mencionou também a insegurança jurídica e a desproteção de 2,2 milhões de hectares de áreas protegidas. A presidente do Ibama, Suely Araújo, também manifestou sua oposição.

Um presidente da Funai resiste a pressões da bancada ruralista, é demitido e acusa o ministro da Justiça, a quem a fundação é submetida, de parcial. Cem ONGs brasileiras formaram um bloco, o Resistir, para protestar. Pelo me-

nos dez entidades científicas internacionais e 29 países na ONU já criticaram as violações de direitos indígenas e perseguição a antropólogos no Brasil.

O que está em curso, aproveitando a fraqueza do governo, é uma desregulamentação generalizada em favor do latifúndio. Não é à toa que jagunços voltaram a atacar posseiros e índios, como os gamela do Maranhão. Os poderosos do campo estão se sentindo muito à vontade.

A questão é: pode-se aceitar que o Brasil saia deste atual interregno desfigurado por um retrocesso vergonhoso? Basta!

**Manuela Carneiro Da Cunha é antropóloga, professora titular aposentada da Universidade de Chicago e da USP e membro da Academia Brasileira de Ciências*

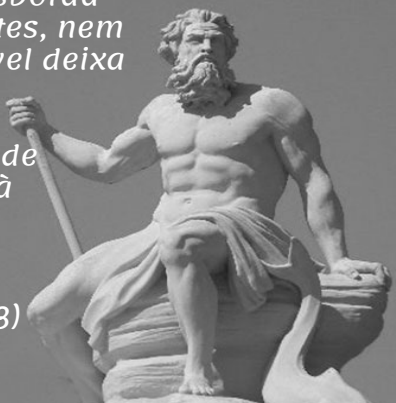
Transcrito da Folha de São Paulo

... Da imortal obra “Os Miseráveis” de Victor Hugo

Quando o sofrimento transborda para fora de todos os limites, nem a virtude mais impertubável deixa de ficar abalada.” (p.1168)

“[...] É temerosa a serenidade do homem quando chega à frieza da estátua.” (idem)

“Pelo excesso do ultraje, conhece-se o Deus.” (p.1193)



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA



BLOCO TEMÁTICO 3

3º MÓDULO

O COMPROMISSO DAS PES-
SOAS VIVEREM O AMOR CRISTÃO

Acolhida

- Neste encontro da equipe o(s) anfitrião(ões) prepara(m) o ambiente para a reflexão colocando sobre a mesa uma Bíblia, coordenando a leitura, alternando trechos entre os participantes.

- Escolher previamente uma música ou uma poesia, para iniciar a reflexão, que fale do compromisso de viver o amor Cristão.

1 - Oração :

Senhor, tenho ânsia de conversar contigo,

De te encontrar;

Dizer o que penso e o que sofro;

Por isso, ensina-me a te ver,

Em todos os instantes dos meus dias;

Na primeira face que eu encontrar no caminho;

No primeiro olhar que me for dirigido;

Na primeira voz que eu escutar;

No primeiro aperto de mão;

No vento que me toca leve;

Na água pura e cristalina que me serve;

No Sol que beija o meu rosto;

Na beleza da noite silenciosa e amiga;

Pois só Tu, és a Paz.

Amém.

2 - INTRODUÇÃO

Os que são chamados a entrar para o Movimento Familiar CRISTÃO, partilham a espiritualidade que brota do Carisma - "Amor de Deus". É uma exigência da vocação universal à santidade, vivida segundo o próprio estado de vida. Trata-se de corresponder a uma verdadeira "vocação pessoal" que exige discernimento, acompanhamento espiritual e um caminho de formação.

A vida espiritual do leigo, principalmente daqueles que participam do MFC, requer:

- A personalização da fé a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo e, a partir dele, com o Deus Amor;

- A partilha da fé em comunidade como dimensão fundamental da vida cristã, a partir da família;

- A progressiva assimilação vital dos valores evangélicos que se exprimem no amor;

- A oração pessoal e comunitária, como espaço privilegiado da experiência do amor de Deus na família, na comunidade e junto com sua equipe;

- O compromisso real a favor da libertação das escravidões de todo tipo e da salvação dos irmãos a fim de construir a fraternidade nova baseada no amor de Deus.

Devemos responder a este chamado para viver conforme o Evangelho. Ser cristão exige de nós que também saibamos enfrentar as consequências e exigências que virão devido a esta decisão. Isto exige desprendimento, coragem em todas situações de ver no outro a nossa imagem, amá-lo sem restrições e abandonar as condições impostas pelos nossos conceitos sociais excludentes. Ser cristão não é fácil, mas podemos cada dia tentar ser melhores.

Carisma (do grego khárisma, atos, graça; favor, benefício, latim charísma, âtis, dom da natureza, graça divina)

PARA PENSAR: Quais são as consequências e exigências do Evangelho para que eu seja um Cristão?

3 - Leitura Bíblica Lc.16(19,31)

REFLEXÃO:

A parábola é uma crítica à sociedade daquela época e à do Séc. XXI, onde o rico vive na abundância e no luxo, enquanto o pobre morre na miséria. O problema é o isolamento e o afastamento em que o rico vive,

mantendo um abismo de separação que o pobre não consegue transpor. Para quebrar esse isolamento o rico precisa de se converter e para que isto aconteça é necessário que ele abra seu coração para a palavra de Deus. A parábola não pretende dar uma explicação do que vai ocorrer depois do final de nossa passagem por este mundo, mas esta mostra que para ser CRISTÃO existe uma exigência de profunda transformação social, para nascer uma sociedade onde haja partilha de bens entre todos.

IGNORAR O POBRE É IGNORAR O PRÓPRIO JESUS!

Continuando nossa caminhada, vamos refletir um pouco o recado que Jesus tem para nós nesta leitura de hoje!

Com esta conhecida parábola do rico e de Lázaro, Jesus nos alerta sobre o cuidado que devemos ter com os pobres: os prediletos do Pai. Jesus é muito claro: temos que ter um olhar sensível, diferente para com os nossos irmãos que sofrem, aprender a olhá-los com o olhar de Deus. Não podemos ignorar a dura realidade de muitos, fazendo de conta que a desigualdade não existe ou que é permitida por Deus.

Jesus dá um recado direto para quem não se comove com qualquer sofrimento do outro, nos deixando claro que, não adianta nada só comover e se indignar. A nossa compaixão deve ser transformada em gestos concretos que possam fazer a diferença, porque somos discípulos de Jesus, e os nossos gestos darão testemunho desta relação.

Quando um pobre se aproxima de nós ou quando nos aproximamos dele, é importante antes ouvi-los, conhecer um pouco da sua história, nos interessar por ele, saber o que o levou àquela situação e através desta conversa, tentar encontrar um meio para ajudá-lo a se levantar e caminhar com suas próprias pernas. Nem sempre o pobre tem fome de pão, mas sim de amor, de uma conversa carinhosa que o faça sentir-se pessoa. A fome é fácil de saciar, mas promover um pobre é a atitude que mais agrada a Deus.

Podemos perceber nesta parábola que o rico não maltratava Lázaro, simplesmente o ignorava. A sua condenação não aconteceu pelo fato dele ser rico, mas pelo bem que ele deixou de fazer. O conceito de pobre e rico para Jesus é diferente do nosso. Para nós, o pobre é aquele que não tem nada e o rico, aquele que tem tudo. Para Jesus, o pobre não é somente aquele que não tem nada, mas aquele, também, que mesmo tendo bens materiais, partilha sua vida, sente-se dependente de Deus, se esvazia de si mesmo para se abrir à Sua graça. Enquanto que o rico, para Jesus, é todo aquele que acumula bens, que se fecha em si mesmo, não se abrindo à graça de Deus.

Portanto, existem pobres de bens materiais que são ricos em ganância e soberba e existem ricos que não são escravos do dinheiro, têm espírito cristão, sabem dividir e pagam salários justos aos seus empregados. O rico dessa parábola pode ser igual a muitas pessoas da sociedade de hoje, governantes, os responsáveis pela distribuição de renda e até nós mesmos, como

muitos que se dizem cristãos mas que não fazem nenhum esforço para ter compromisso com o evangelho, ignorando o que é de mais precioso para Deus: ser pobre de acordo com o que está escrito e pregado por Jesus.

O Lázaro representa o povo ignorado, sofrido e oprimido. Podemos ver muitos Lázaros espalhados pelo mundo afora, passando fome, morando debaixo dos viadutos, procurando emprego, precisando de uma palavra amiga, sofrendo discriminação, sedentos de amor, morrendo nas portas dos hospitais sem atendimento médico, sob os olhares insensíveis daqueles que poderiam encontrar soluções para seus problemas. Outra coisa que chama nossa atenção é que Lázaro mesmo sendo pobre, doente, não reclamava da vida, pois tinha fé e confiança na promessa de Deus.

Jesus diz que é impossível transpor o abismo que separa o inferno do paraíso. A ponte que torna possível a travessia para o céu deve ser construída aqui na terra através de nossas ações. Depois que partirmos deste mundo, será tarde demais. Temos uma vida inteira para construirmos, juntos aqui, nossa morada no céu. É praticando os ensinamentos de Jesus que vamos colocando, a cada dia, um tijolinho nesta construção. No pobre está estampado o semblante de Jesus. Ignorá-lo é ignorar o próprio Jesus.

Para fechar esta reflexão deixo um pensamento de São Vicente de Paulo, o benfeitor dos pobres: “Todos aqueles que amam os pobres em vida não terão nenhum temor da



morte. Portanto, sirvamos com renovado amor aos pobres e busquemos os mais abandonados”. (Reflexão baseada num texto de Olivia Coutinho)

PARA PENSAR: Como tem sido minha atitude diante do pobre?

4 - CONCLUSÃO

Jesus de Nazaré, homem especial, Filho de Deus. Dele vinham coragem, rebeldia, ousadia, independência, liberdade, simplicidade; tudo isso se originava de dentro de Jesus e jorrava de sua rica personalidade, com a naturalidade de quem tem muito a oferecer e transborda em todas as direções.

1- Para viver plenamente a mensagem do Evangelho, qual deve ser o meu compromisso de Cristão como membro do MFC?

2- Na caminhada da sua família a vivência do Evangelho de Cristo tem transformado as pessoas?

Questione-se sobre como não viver: o egoísmo, a busca pelas facilidades a qualquer preço, o descaso com os ensinamentos do Evangelho, a falta de abertura e receptividade para o agir de Deus.

PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO

Vamos concluir nossa reflexão sobre O COMPROMISSO DAS PESSOAS DE VIVEREM O AMOR CRISTÃO com as palavras do Papa Francisco ao corpo diplomático do Vaticano, nas quais podemos ler nas entrelinhas o seu compromisso com o projeto de Jesus Cristo de humanizar o mundo e que convidam a nós do MFC a fazer algo neste sentido como Cristãos.

Como sabeis, há vários motivos que, ao escolher o meu nome, me levaram a pensar em Francisco de Assis, uma figura bem conhecida mesmo além das fronteiras da Itália e da Europa, inclusive entre os que não professam a fé católica. Um dos primeiros é o amor que Francisco tinha pelos pobres. Ainda há tantos pobres no mundo! E tanto sofrimento passam estas pessoas! A exemplo de Francisco de Assis, a Igreja tem procurado, sempre e em todos os cantos da terra, cuidar e defender quem passa indignação e penso que poderéis constatar, em muitos dos vossos países, a obra generosa dos cristãos que se empenham na ajuda aos doentes, aos órfãos, aos sem-abrigo e a quantos são marginalizados, e deste

modo trabalham para construir sociedades mais humanas e mais justas.

Mas há ainda outra pobreza: é a pobreza espiritual dos nossos dias, que afeta gravemente também os países considerados mais ricos. É aquilo que o meu Predecessor, o amado e venerado Bento XVI, chama a «dita-dura do relativismo», que deixa cada um como medida de si mesmo, colocando em perigo a convivência entre os homens. E assim chego à segunda razão do meu nome. Francisco de Assis diz-nos: trabalhai por edificar a paz. Mas, sem a verdade, não há verdadeira paz. Não pode haver verdadeira paz, se cada um é a medida de si mesmo, se cada um pode reivindicar sempre e só os direitos próprios, sem se importar ao mesmo tempo do bem dos outros, do bem de todos, a começar da natureza comum a todos os seres humanos nesta terra.

Um dos títulos do Bispo de Roma é Pontífice, isto é, aquele que constrói pontes, com Deus e entre os homens. Desejo precisamente que o diálogo entre nós ajude a construir pontes entre todos os homens, de tal modo que cada um possa encontrar no outro, não um inimigo nem um concorrente, mas um irmão que se deve acolher e abraçar. Além disso, as minhas próprias origens impelem-me a trabalhar por construir pontes. Na verdade, como sabeis, a minha família é de origem italiana; e assim está sempre vivo em mim este diálogo entre lugares e culturas distantes, entre um extremo do mundo e o outro, atualmente cada vez mais próximos, interdependentes e necessitados de

se encontrarem e criarem espaços efetivos de autêntica fraternidade.

Neste trabalho, é fundamental também o papel da religião. Com efeito, não se podem construir pontes entre os homens, esquecendo Deus; e vice-versa: não se podem viver verdadeiras ligações com Deus, ignorando os outros. Por isso, é importante intensificar o diálogo entre as diversas religiões; penso, antes de tudo, ao diálogo com o Islã. Muito apreciei a presença, durante a Missa de início do meu ministério, de tantas autoridades civis e religiosas do mundo islâmico. E é também importante intensificar o diálogo com os não crentes, para que jamais prevaleçam as diferenças que separam e ferem, mas, embora na diversidade, triunfe o desejo de construir verdadeiros laços de amizade entre todos os povos.

Lutar contra a pobreza, tanto material como espiritual, edificar a paz e construir pontes: são como que os pontos de referimento para um caminho que devemos percorrer, desejando convidar cada um dos países que representais a tomar parte nele. Um caminho que será difícil, se não aprendermos a amar cada vez mais esta nossa terra. Também neste caso me serve de inspiração o nome de Francisco: ele ensina-nos um respeito profundo por toda a criação, ensina-nos a guardar este nosso meio ambiente, que muitas vezes não usamos para o bem, mas desfrutamos com avidez e prejudicando um ao outro.”

*Contribuição do Secretariado
Estadual de Minas Gerais*



FRANCISCANOS E FRANCISCANAS NO CAPÍTULO NACIONAL DAS ESTEIRAS.

Mais de 1000 pessoas estiveram presentes à Conferência da Família Franciscana do Brasil, entre os dias 03 e 06 de agosto de 2017 de 2017, em Aparecida (SP). Foram dias marcados pela emoção e pelo compromisso de representatividade com mais de 20 mil religiosos e pertencentes a Movimentos de simpatizantes envolvidos com Francisco e Clara de Assis Presentes no Brasil.

O evento recebeu o título de CAPÍTULO NACIONAL DAS ESTEIRAS, SIMBOLIZANDO A SIMPLICIDADE, A POBREZA E A DISPOUBIUDADE FRANCISCANAS. “Na oportunidade, os presentes conclamaram a construção de “UM NOVO HORIZONTE UTÓPICO”, FUNDADO: - Nas bases históricas do País, marcadas pelo sangue dos POBRES E PEQUENOS” em virtude de um extrativismo DESTRUIDOR e DESMEDIDO, próprio de uma economia que exclui a maioria, bem como pela destruição de povos, culturas nacionais e da própria natureza.

O Capítulo Nacional das Estrelas, que teve como um dos centros a reflexão apoiada no conteúdo da encíclica LAUDATIO SI – SOBRE O CUIDADO COM A CASA COMUM, proporcionou a existência da CARTA DE APARECIDA, documento que a Equipe Editorial leva aos leitores objetivando ao conhecimento e a uma reflexão contextualiza a respeito do Brasil atual.

CARTA DE APARECIDA

“Ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.” LS,49

A Conferência da Família Franciscana do Brasil, celebrando o Capítulo Nacional das Esteiras, consciente de sua missão de “levar ao mundo a misericórdia de Deus”, dirige-se a todas as pessoas de boa vontade: àquelas que continuam acreditando em um mundo de justiça e fraternidade e àquelas que, em meio às contradições e crueldades de nosso tempo, vivem a dor da desilusão e da falta de esperança.

As partilhas realizadas nesses dias nos levam a afirmar: vivemos um verdadeiro Pentecostes. Neste sentido, o Capítulo nos chamou a um revigoramento do Carisma e nos levou a fazer memória da herança, da inspiração originária que deu início ao movimento franciscano. A experiência das esteiras nos leva a retomar nossa vocação enquanto peregrinos e forasteiros.

As bases nas quais foram construídas a nossa história estão marcadas pelo sangue dos pobres e pequenos, indígenas, mulheres e jovens negros, por um extrativismo desmedido e destruidor, por uma economia que exclui a maioria, por destruição de povos, culturas e da natureza. À luz do nosso carisma, compreendemos que se faz necessário construir um novo horizonte utópico que nos comprometa com a construção de um projeto de país

com justiça e paz em respeito à integridade da criação.

Somos sensíveis ao grito dos empobrecidos e da Mãe Terra! É preciso agir com misericórdia para com eles e, com indignação diante desse sistema que exclui, empobrece e maltrata, e convocarmos a todos para se unirem à luta que hoje assumimos juntos: participar da reconstrução da Igreja com o Papa Francisco e reconstruir o Brasil em ruínas.

É chegado o momento de recolhermos nossas esteiras e as lançarmos sobre o chão das periferias do mundo, transformando continuamente nossa maneira de Ser, Estar e Consumir em resposta aos apelos do Papa Francisco.

A realidade ecológica e sócio-política-econômica do nosso país nos exige compromisso profético de denúncia e anúncio. Assistimos, tomados de ira sagrada, à violação dos direitos conquistados, através de muitos esforços, empenhos e articulação pelo povo brasileiro. Por isso, não podemos deixar de nos empenhar junto aos movimentos sociais na luta “por nenhum direito a menos”, contra golpes, reformas retrógradas e abusivas conduzidas por um governo ilegítimo, um parlamento divorciado dos interesses da população e uma justiça que tem se revelado fora dos parâmetros da

equidade “que no lugar de fortalecer o papel do Estado para atender às necessidade e os direitos do mais fragilizados, favorece os interesses do grande capital”.

Dessa Cidade de Aparecida, Nossa Senhora, Padroeira do Brasil, resgatada das águas de um rio, hoje poluído e degradado, nos faz eleger dentre os diversos apelos um compromisso particular com a Irmã Água. Deste modo, nos empenharemos na construção de um processo de reflexão e ação em defesa da água como bem comum, que se dará através da participação da família em jornadas, fóruns e nas iniciativas de fortalecimento dos trabalhos ligados à promoção da Justiça e da Integridade da Criação.

Tudo isso acontece, irmãs e irmãos, porque São Francisco nos ensinou que nos momentos mais difíceis de nossas vidas devemos voltar

à Casa da Mãe. Ele e seus irmãos voltavam, com frequência, à pequena igreja de Santa Maria dos Anjos, a Porciúncula. Nós voltamos ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, nestes 300 anos de caminhada com os pequenos desta terra.

“Óh Mãe preta, óh Mariama, Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo. É Evangelho de Cristo, Mariama!”, ainda assim, invocamos suas bênçãos sobre toda a nossa família e sobre um Brasil sedento de “Paz – fruto da justiça, do bem e da Misericórdia de Deus”.

Conferência da Família Franciscana do Brasil – CFFB

06 de agosto de 2017

Franciscanos e franciscanas no Capitúlo Nacional das Esteiras, em Aparecida

Melhor rir para não chorar

Um bêbado chegou em frente ao Congresso Nacional e deixou sua bike. O policial legislativo o chamou e disse, o senhor não pode deixar sua bike aí!

Aqui é o Congresso, onde passa a presidente, ministros, governadores, parlamentares entre outras autoridades. O bêbado olhou pra ele e disse, “não se preocupe vou botar o cadeado.”





CARTA ESCRITA NO TIMOR LESTE

Outro mundo do outro lado do mundo. Esta é uma expressão que ilumina o que quero dizer a partir da minha percepção quando aqui cheguei para dar aulas de Teologia na formação deste clero local. Timor Leste é um pequeno país, do outro lado da terra, que fala o dialeto Tétum, mas tem a língua portuguesa como língua oficial, e uma Igreja que precisa ser missionada antes de aqui ser missionária. Com inteligência, profecia e coragem. Como assim?

“Inteligência, porque na missão, a Igreja precisa ser sempre implantada, o que é diferente de transplantada. Implantar a Igreja significa romper com um modelo eclesial, que pode ter dado certo numa cultura, mas que não responde aos apelos de outra. Não basta falar outra língua, se falamos as mesmas coisas em qualquer língua. É preciso então falar coisas diferentes e ouvir coisas diferentes porque existem mundos diferentes. Sabemos que não é fácil despir-se de velhos modelos para que nasçam outros modelos. A sustentação bíbli-

ca desta afirmação é do profeta Jeremias no capítulo um, versículo dez: ‘para edificar, destruirás e plantarás’ (Jer. 1,10). Se não fizermos isto estaremos sendo desobedientes e traindo o cordeiro de Deus quando disse: ‘eu vim fazer novas todas as coisas’ (Ap. 21,3-5). Isso não significa negar o que já foi feito numa outra realidade, pelo contrário, temos que aprender, que a terra é diferente, com seus relevos, clima e subsolo, e por isso as plantas velhas, já crescidas, que levamos, precisam ser queimadas. É preciso que nasçam outras árvores, de novas sementes, e então a vida poderá renascer adaptada ao solo, e o vinho terá outro sabor porque é outro chão, são outros ventos (vinho novo: Mt.9,16-17). Um missionário que transplanta um árvore pronta é assassino da própria árvore.

Profeta é uma pessoa com clara espiritualidade e intérprete da vontade de Deus: servo de Deus, mensageiro da verdade, sentinela (vigia, cuidador), pastor, guarda (protetor), porta voz da aliança, isto é, do com-

promisso batismal que fazemos com Deus e com a Igreja. O missionário profeta fala em nome de Deus e não fala em seu próprio nome. Denuncia as injustiças, age politicamente em defesa dos pobres e grita alto contra deuses falsos. Nenhum profeta autêntico é medroso. Ele não se intimida por não ser aplaudido pelo povo. Dizia o bispo brasileiro D. Helder Câmara (em processo de canonização), que 'um profeta não morre na cama', porque ele é perseguido, caluniado, acusado por causa da proposta que sustenta. Todo o profeta carrega uma denúncia daquilo que significa morte e um anúncio daquilo que é vida. O profeta clama pela vida e reclama da morte, mesmo que isso signifique profetizar contra a própria Igreja, para salvar a cultura que é a vida de um povo.

Coragem não é aventura boba. O missionário corajoso também tem medo porque ninguém quer sofrer por pouca coisa, ou morrer sem perceber resultados. Jesus também teve medo (Mt. 26,42), mas os medos se dissipam quando a confiança está no Senhor (Sl. 22,4). 'Caíam mil homens à tua esquerda e dez mil à tua direita, tu não serás atingido' (Sl. 90,7). A coragem de um missionário precisa ser alicerçada numa fé verdadeira e no conhecimento do chão onde pisa. Muitas vezes os missionários confundem seus projetos com ideologias ou com lutas históricas, e esquecem do alicerce da fé em Deus; outras vezes se perdem numa fé contemplativa e olham somente para o alto, esquecendo de olhar para os lados, para o irmão, para a sociedade e a cultura.

Entender a cultura de um povo é algo determinante para começar implantar a Igreja. Entender a concepção de morte, de casamento, de relações de gênero, de hierarquia, felicidade e tantos outros elementos. Mais sagrado do que uma Igreja, é a cultura. Até porque a cultura é sempre anterior à igreja. Porém muitas vezes, nossa evangelização, engessada pelo direito canônico, se transforma numa cultura própria: europeia, branca e católica, com pretensão de universalizar valores, ritos e dogmas, transformando o palco da evangelização em algo que não é nem cristão e nem humano, porque não respeita a diversidade, sataniza tudo aquilo que é diferente, prejudicando a ambos: o cristianismo e a cultura.

Em poucas palavras senhores e senhoras missionárias e missionários: descarreguem suas malas cheias de mudas prontas e suspendam o voo para o Timor Leste. Fiquemos em casa por mais algum tempo e quem sabe poderemos voar mais tarde, somente com sementes. O chão aqui está, e sempre fértil, mas as plantas deverão crescer à sua maneira.

De nada vale falarmos em protagonismo das nações, autodeterminação dos povos, respeito à diversidade, se como missionários fazemos o mesmo discurso em qualquer língua, que somente serve para abafar o clamor surdo de milhares de pessoas de fé, que esperam da Igreja uma libertação que tarda a chegar.

Desculpem incomodar.
Saudações

Mario Antonio Betiato



CIDADANIA REFLEXIVA

Considerando que:

- As pessoas, sua maioria, ainda têm liberdade para pensar;
- A cidadania tem fundamento nos limites da liberdade e no respeito ao direito à vida com igualdade e com segurança;
- Que a construção da paz, coerente e comprometida com a proposta da misericórdia, recomendada pelo Papa Francisco;
- A equipe editorial de F&R coerente com a importância de VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E REFLETIR valorizando a família em missão, está criando, a partir da edição nº 100 o espaço chamado de CIDADANIA REFLEXIVA. Aqui estarão reunidas até cinco contribuições, sob a forma de pequenas constatações, de autores diferentes. São do-

cumentos que pretendemos serem estimuladores de reflexões individuais ou grupais sobre a realidade que as pessoas vivem, neste momento histórico, bem como suas projeções sociais, políticas e econômicas mais diversas.

1ª CONTRIBUIÇÃO:

- A PEC 287 estabelece a idade mínima de 65 anos para os homens e 62 para as mulheres aposentarem, com tempo mínimo de contribuição de 25 anos. Cria, ainda, normas de transição envolvendo os trabalhadores brasileiros. PERGUNTA-SE: Você conhece o conteúdo deste projeto de emenda constitucional que tramita no Congresso? – Recomendamos o conhecimento, a reflexão e a ação centrada na necessidade da reforma da Previdência Social no Brasil!

2ª CONTRIBUIÇÃO:

- A luta dos trabalhadores (as) aposentados (AS) deve ser a mesma de todas as categorias, sejam no setor privado ou público. Sejam federais, estaduais ou municipais. Estabelecer distinções entre trabalhadores, criar propostas diferentes para “categorias distintas” significa enfraquecer a capacidade de luta dos mesmos gerando injustiça social a serviço do fortalecimento patronal.

3ª CONTRIBUIÇÃO:

...Por favor: peço-vos que escuteis os pobres, os que sofrem. Fixai-os, olhos nos olhos e deixai-vos interpelar incessantemente pelos seus rostos sulcados de sofrimento e pelas suas mãos suplicantes. Deles se aprende autênticas lições de vida, de justiça, de paz de luta por dignidade. (Inspiração: - Papa Francisco na Colômbia. 07/09/2017).

Cada família do MFC

1 assinatura! POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.
Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas

Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520

Construir cidadania num PAÍS DE PRIVILÉGIOS

*Maria Alice Setubal**

Sim, somos uma nação que naturalizou as desigualdades. Essa é uma questão que há tempos me intriga, pois me parece óbvio que, para além do sentido de justiça e humanidade, desigualdade em excesso corrói o tecido social, a coesão entre indivíduos e espaço público, abre frentes para o crime organizado, compromete o crescimento sustentável e o futuro do país.

Todos os dias, somos bombardeados por dados, estudos e pesquisas que apontam para as diversas facetas das nossas enormes iniquidades: renda, educação, saúde, saneamento, segurança, moradia.

Em estudos e rankings internacionais, nosso posicionamento é sempre entre os últimos países, mesmo dentro do continente latino-americano. Estamos também entre os países com mais baixo nível de

confiança nas pessoas e instituições, o que pode ser interpretado como uma consequência das desigualdades em excesso.

Para contornar essa situação, a opção das elites econômicas, políticas, intelectuais, artísticas e esportivas é assegurar os serviços privados básicos para nosso bem estar e, muitas vezes, morar encastelados em condomínios fechados.

Cenário que, como descreve o psicanalista Christian Dunker, nos aprisiona e fortalece o medo do desconhecido, tornando aquele que é diferente uma ameaça constante.

A valorização do indivíduo e a convivência exclusiva entre iguais têm acarretado o aumento da intolerância e dos preconceitos, amplamente difundidos nas redes sociais.

Diversos estudiosos têm apontado para o passado escravagista



e patrimonialista como marcas ainda persistentes das nossas desigualdades.

Nesse sentido, somos ainda um país que valoriza em demasia as aparências, gosta das hierarquias e sempre consegue um jeitinho de fazer leis com diversas exceções e privilégios para grupos de interesse.

O antropólogo Roberto da Matta destaca que a igualdade é vivida como uma ofensa o Brasil, pois o anonimato associado à cidadania nos perturba; não queremos ser igual a todo mundo.

Embora nossa busca por mais equidade tenha começado tarde, é inegável que tivemos grandes avanços nos últimos 20 anos, com a expansão do acesso à educação, o aumento do salário mínimo, a implementação de programas de distribuição de renda, dentre outros.

Ao lado das políticas públicas, o avanço das tecnologias tornou possível o reconhecimento de inúmeras vozes antes excluídas do debate, especialmente entre os jovens que formaram coletivos e movimentos, em luta por microrrevoluções.

A grita geral na defesa da Amazônia ou os enfrentamentos das mulheres às questões da violência parecem ser sinais dessa insatisfação e da potência de grupos que querem ser ouvidos e não aceitam viver em um estado de paralisia até as eleições de 2018.

Diante de todo esse cenário, o que fazer?

A tessitura de vínculos de confiança que tornem possível a construção de diálogos e pontes entre os diferentes grupos que ocupam os mais diversos lugares na sociedade, cenário fundamental para a saída da crise, exigirá que nós, pertencentes às diferentes elites, possamos escutar, reconhecer o outro como igual no debate e construir, juntos, novas bases de diálogo.

O avanço no enfrentamento das desigualdades exigirá não apenas uma reflexão frente a nosso posicionamento como cidadãos, mas também o amadurecimento de questões centrais na sociedade contemporânea hoje, como a tributação progressiva, a universalização dos direitos para além da criação de políticas universais e a adoção da equidade e sustentabilidade como foco de todas as políticas.

Para que essa agenda possa disputar espaço nas próximas eleições, é preciso começarmos a nos organizar já, de modo que as conversas com familiares e amigos ou os debates em instituições e movimentos avancem para além do pessimismo e da desesperança, na direção de propostas concretas e elaboradas com a participação de diferentes grupos e setores da sociedade.

Maria Alice Setubal, a Neca, é socióloga e educadora. Doutora em psicologia da educação, preside os conselhos da Fundação Tide Setubal e do GIFE. Fundadora e membro do conselho do Cenpec. Pesquisa educação, desigualdades e territórios vulneráveis

Transcrito da Folha de São Paulo



Democracia participativa já

Ricardo Lewandowski

Numa República, os governantes, escolhidos pelo povo, são responsáveis diante dele pela gestão dos negócios públicos. Não exercem o poder por direito próprio, constituindo meros mandatários dos cidadãos.

Nessa forma de governo, impera a soberania popular, que encontra expressão por meio de representantes eleitos, apartando-se dos regimes autocráticos, nos quais os cidadãos não têm qualquer influência sobre os detentores do poder.

A legitimidade dos representantes do povo radica em eleições periódicas, que têm como base o sufrágio universal, igual, direto e secreto. O sistema representativo pressupõe, ainda, a existência de mecanismos que estabeleçam o predomínio da vontade da maioria, com a garantia de que as minorias encontrem expressão no plano político.

Para tanto, é preciso assegurar não só um pluripartidarismo autêntico como também a mais ampla liberdade de opinião, de reunião e de associação, além de outras franquias como o voto proporcional.

A participação popular hoje, contudo, não ocorre mais apenas a partir do indivíduo, do cidadão isolado, ente privilegiado e até endeusado pelas instituições político-jurídicas do liberalismo.

O final da centúria passada e o século 21 certamente entrarão para a história como épocas em que o indivíduo se eclipsa, surgindo em seu lugar as associações, que se multiplicam nas chamadas “organizações não governamentais”, as quais hoje expressam parcela considerável dos múltiplos e complexos interesses que se entrecruzam na sociedade contemporânea.

Esse fato, aliado às deficiências da representação política tradicional, deu origem a alguns institutos

que diminuem a distância entre os cidadãos e o poder, com destaque para o plebiscito, o referendo, a iniciativa legislativa, o veto popular e o recall, também conhecido como referendo revogatório, que permite ao povo rescindir mandatos eletivos.

Os constituintes de 1988, nesse aspecto, empreenderam um enorme salto qualitativo, ainda não suficientemente explorado, que correspondeu à transmutação de uma democracia meramente representativa numa democracia participativa.

Sim, porque em praticamente todas as nossas Constituições sempre constou a expressão “todo poder emana do povo e em seu nome será exercido”. Na atual, operou-se uma mudança sutil, porém significativa, quando se fez constar o seguinte: “todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.

Ocorre que, embora o texto constitucional vigente tenha incorporado formalmente alguns dos ins-

titutos da democracia participativa, como o plebiscito, o referendo e a iniciativa legislativa, as barreiras antepostas ao seu emprego são tão severas que raras vezes lograram ser implementados.

A reforma política em curso no Congresso Nacional, paralisada por falta de consenso, poderia ao menos dar concreção à vontade dos constituintes originários, tornando operantes os instrumentos da democracia participativa já adotados, além de acrescentar aos já existentes o referendo revogatório e o veto popular.

Quem sabe assim a vontade dos cidadãos possa ser aferida de modo mais imediato e autêntico, sem prejuízo do aperfeiçoamento futuro dos atuais mecanismos de escolha de nossos mandatários, notoriamente deficientes.

**Ricardo Lewandowski é professor titular de teoria do Estado da Faculdade de Direito da USP e ministro do Supremo Tribunal Federal*

Transcrito da Folha de São Paulo





Diferença Lógica Entre Religião E Espiritualidade

A religião não é apenas
uma, são centenas.

A espiritualidade é apenas uma.

A religião é para os que dormem.

A espiritualidade é para os que estão
despertos.

A religião é para aqueles que
necessitam que alguém lhes diga o
que fazer e querem ser guiados.

A espiritualidade é para os que pres-
tam atenção à sua Voz Interior.

A religião tem um conjun-
to de regras dogmáticas.

A espiritualidade te convida a racio-
cinar sobre tudo, a questionar tudo.

A religião ameaça e amedronta.

A espiritualidade lhe dá Paz Interior.

A religião fala de pe-
cado e de culpa.

A espiritualidade lhe diz: “aprenda
com o erro”.

A religião reprime tudo, te faz falso.

A espiritualidade transcende tudo,
te faz verdadeiro!

A religião não é Deus.

A espiritualidade é Tudo e, portanto
é Deus.

A religião inventa.

A espiritualidade descobre.

A religião não indaga nem questiona.

A espiritualidade questiona tudo.

A religião é humana, é uma
organização com regras.

A espiritualidade é Divina, sem regras.

A religião é causa de divisões. A religião lhe busca para que acredite.	A espiritualidade é causa de União. A espiritualidade você tem que buscá-la.
--	---

A religião segue os preceitos de um livro sagrado.	A espiritualidade busca o sagrado em todos os livros.
--	---

A religião se alimenta do medo.	A espiritualidade se alimenta na Confiança e na Fé.
---------------------------------	---

A religião faz viver no pensamento.	A espiritualidade faz Viver na Consciência..
-------------------------------------	--

A religião se ocupa com fazer.	A espiritualidade se ocupa com Ser.
A religião alimenta o ego.	A espiritualidade nos faz Transcender.
A religião nos faz renunciar ao mundo.	A espiritualidade nos faz viver em Deus, não renunciar a Ele.

A religião é adoração.	A espiritualidade é Meditação.
A religião sonha com a glória e com o paraíso.	A espiritualidade nos faz viver a glória e o paraíso aqui e agora.
A religião vive no passado e no futuro.	A espiritualidade vive no presente.
A religião enclausura nossa memória.	A espiritualidade liberta nossa Consciência.

A religião crê na vida eterna.	A espiritualidade nos faz consciente da vida eterna.
--------------------------------	--

A religião promete para depois da morte.	A espiritualidade é encontrar Deus em Nosso Interior durante a vida.
--	--

"Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual... Somos seres espirituais passando por uma experiência humana..."

Pierre Teilhard de Chardin





A amada de Francisco

Equipe Igreja em Marcha

São Francisco de Assis fascina a todos nós pela poesia, pela busca da simplicidade e pelo amor à natureza. Dia 11.10 comemoramos o seu dia. Na sua mística, a simplicidade e o despojamento eram expressos por um enorme amor a uma grande dama: a Dona Pobreza. Após sofrer com a ira de seu pai, por ter dado seus bens para os pobres, Francisco retira toda a sua própria roupa, para seguir pela vida sem nenhum bem. Passa a viver na simplicidade, fraterno com toda a Criação.

Sua radicalidade no seguimento do Cristo renovou a vida da Igreja, impulsionando ainda hoje um nú-

mero enorme de cristãos. Tendo sido criado em um meio social que valorizava em demasia os bens materiais, em que a própria Igreja cedia aos impulsos de acumulação e fausto, vai ao âmago dos ensinamentos de Jesus, vivendo para amar a todos e a toda a criação, um amor exigente que entrega tudo que se tem e tudo que se é.

O mundo vive um momento dramático: a ganância, considerada virtude pela cultura contemporânea, levou todo o mundo a uma de suas maiores crises. A volúpia de ter, além de colocar em risco a própria existência do planeta pela degradação do meio ambiente,

provocou uma crise econômica de proporções planetárias pela acumulação compulsiva. Evidentemente, onde alguns acumulam muitos bens, uma enorme maioria vive em penúria, ou simplesmente não vive.

O mundo não viveria os presentes tormentos se todos seguissem o pobrezinho de Assis. Ironicamente, pela sua popularidade, imagens de São Francisco adornam, com muita frequência, ambientes ricos e requintados. Seria melhor que seus exemplos adornassem a vida dessas pessoas.

O próprio ex-presidente da maior e mais opulenta potência da

terra, Barack Obama afirmou que o povo americano não poderá mais manter seu estilo de consumo irresponsável, tendo a anuência de outros líderes de nações ricas. Seria ingênuo acreditar que todos se converterão, mas é reconfortante saber que as pessoas que mandam na terra sabem o que estão erradas em suas condutas.

Resta pedir a Deus que a necessidade consiga ensinar aos ricos do mundo a frugalidade e a partilha. Que a única necessidade que temos é do amor que só quer doar e que esse é o único caminho para a felicidade.

Transcrito da Tribuna de Minas

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

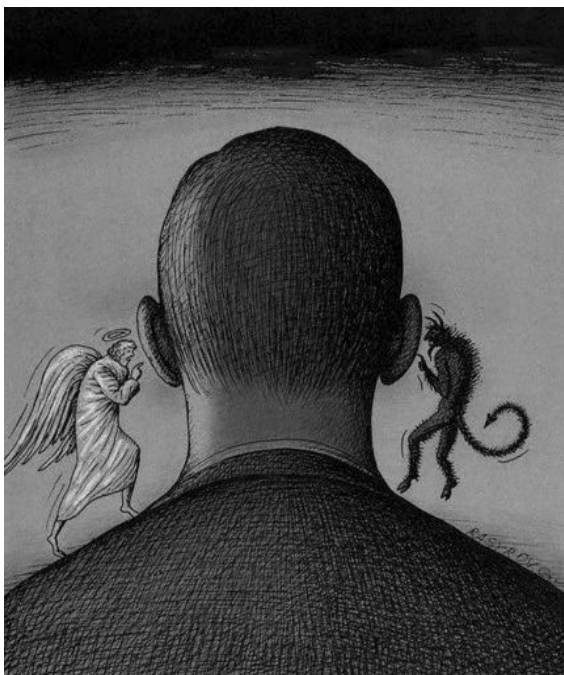
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

A consciência persegue o corrupto mesmo que ninguém o condene

Há uma voz dentro de nós que nunca conseguimos fazer calar. É a voz da consciência. Ela está acima da ordem estabelecida e das leis vigentes. Há fatos criminosos como violar inocentes, tirar da boca do faminto o pão que o salvaria da morte, roubar o dinheiro destinado à saúde e à educação, praticar corrupção como verdadeira pilhagem de milhões de reais que eram para a infraestrutura e outros crimes hediondos. Pode o criminoso se acostumar a tais práticas a ponto de criar uma segunda natureza e pensar: “como a coisa é de todos, portanto, de ninguém, posso me apropriar dela”. Se ocupa um cargo público diz: “quem se enriquece nessa posição é um esperto, quem não o faz é um bobo”. A corrupção, endêmica no Brasil, se rege por tal sofisma.

Mas ninguém pode se livrar da voz interior, a natureza primeira, que inapelavelmente o acusa e pede punição. Pode fugir como Caim mas ela continua, como um tímpano, a vibrar dentro dele. O corrupto foge mesmo que a justiça



não o persiga, Quem é esse que vê dentro do coração e para o qual não existem segredos e câmaras secretas? Novamente a consciência: ela julga, admoesta, corrói por dentro, aplaude e condena.

Os homens do espírito de ontem e de hoje testemunham: é Deus dentro de nós. Pouco importa o nome que lhe dermos conforme as diferentes culturas. Mas temos a ver com uma instância que é mais alta que nós, cuja voz não consegue ser abafada pelo vozerio humano por mais forte que seja. Com acerto escreveu Sêneca: “A

consciência é Deus dentro de ti, junto de ti e contigo”.

Abundam exemplos históricos. Refiro um antigo e outro moderno. No ano 310 o imperador romano Maximiliano mandou dizimar uma unidade de soldados cristãos porque se negaram a matar inocentes. Antes de serem degolados escreveram ao imperador: “Somos teus soldados, imperador, mas antes somos servos de Deus. A ti fizemos o juramento imperial, mas a Deus prometemos não praticar nenhum mal. Preferimos morrer a matar. Optamos ser mortos como inocentes do que viver com a consciência sempre nos acusando” (Passio Agaunensium, n. 9).

Mil e quinhentos anos após, a 3 de fevereiro de 1944, escreveu um soldado alemão e cristão a seus pais: “Queridos, fui condenado à morte porque me neguei a fuzilar prisioneiros russos indefesos. Prefiro morrer a levar pela vida afora a consciência carregada com o sangue de inocentes. Foi a senhora, querida mãe, que me ensinou sempre a seguir a consciência e só depois as ordens dos homens. Agora chegou a hora de viver esta verdade” (P. Malevezzi & G. Pirelli (org), *Letzte Briefe zum Tode Verurteilter*, 1955, p.489). E acabou fuzilado.

Que força é essa que nestes dois pequenos relatos encheu de coragem os soldados romanos e o soldado alemão para poderem agir assim? Que voz é essa que os aconselhou antes morrer do que matar? Que poder possui essa voz

interior a ponto de vencer o medo natural de morrer? É a voz imperiosa da consciência. Nós não a criamos, por isso não podemos destruí-la. Podemos desobedecê-la. Negá-la. Recalcá-la com remordimentos. Mas fazê-la silenciar, isso não podemos.

A consciência é intocável e suprema. O respeito a ela é tão grande que até a consciência invencivelmente errônea deve ser ou – vida e seguida Por isso os Bispos reunidos no Concílio Vaticano II (1962-1965) deixaram escrito: “A consciência mesmo quando invencivelmente erra, não perde sua dignidade (De dignitate Humana, n. 2).

Está em consciência invencivelmente errônea a pessoa que empenha todos os esforços para buscar sinceramente a verdade, perguntando, estudando, deixando-se aconselhar por outros e questionando a si mesmo e mesmo assim erra. Se alguém fizer tudo isso e errar, então, tem o direito de ser respeitado e ouvido porque foi consequente com sua consciência.

Todo o homem pode errar tragicamente, com a melhor das boas vontades. Por isso deve sempre se interrogar como está escutando ou não a voz interior. Blaise Pascal ponderava sabiamente: “Nunca fazemos tão perfeitamente o mal como quando o fazemos com boa consciência”. Só que essa consciência não é boa. Albert Camus referindo-se à moral da obediência cega escreveu: “A boa vontade pode causar tanto mal quanto a má, quando não for

suficientemente bem informada”, quer dizer, quando não escutar a voz da consciência, chamando-o para a boa ação.

Tudo isso escrevemos, pensando na vergonhosa corrupção que contaminou nossa sociedade, praticamente em todos os níveis, especialmente os grandes donos de empresas e políticos do mais alto

escalão, até o desastrado presidente de república. São moucos face à sua consciência que os incrimina. Chegará o momento em que irão responder a um mais Alto.

Leonardo Boff é filósofo. Articulista do JB online. Escreveu, entre outros livros, “O destino do homem e do mundo”, Vozes Petrópolis, 2012

Transcrito do Boletim Rede

A Poesia de Mario Quintana



Não quero alguém que morra de amor por mim. Só preciso de alguém que viva por mim, que queira estar junto de mim, me abraçando.”

“Quero sempre poder ter um sorriso estampado em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre... E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor.”

A amizade é um amor que nunca morre.





Ele teve professor

*Daniela Arbex**

“Luto: para uns pode ser um substantivo; para professores é verbo”. A frase estampa a capa do Facebook de Marcia Friggi, a professora do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, agredida no início da semana por um aluno de 15 anos com um soco no rosto. O gesto que acertou um país inteiro revelou o tamanho do abismo em que estamos mergulhados. Em uma sociedade movida pelo ódio, como a nossa – basta ver os milhares de comentários que condenaram Márcia pela sua ideologia política -, a violência que nos assola preocupa, mas não a ponto de promover uma profunda transformação social e humana.

Tudo começa na educação. Certo? Esvaziada de sentido, a frase chavão tem pouco efeito. O caminho da mudança parece profundamente simples, mas a verdade é que há muito não estamos conseguindo cumprir o dever de casa. Fragilizado

na sua importância e visto como um lugar de desesperança, o ambiente escolar transformou-se em espaço com o qual o professor já não se identifica, muito menos o estudante. O fato é que o nosso modelo de educação continua baseado em valores do passado, direcionado para uma sociedade que não existe mais.

A educação para todos, um ideal democrático, trouxe em seu bojo a massificação do ensino e o acesso de um público carente de tudo, como o jovem que golpeou Márcia na escola da rede municipal de Indaial. Vítima da violência doméstica desde que se entende por gente, o estudante acabou tornando-se autor dela. Virou o monstro do qual queremos nos livrar sem nos darmos conta que o desejo de exterminá-lo nos torna muito piores do que ele.

Ao se transformar em um local de diferenças, a escola não conseguiu dar conta dos conflitos que ultrapassam o seu muro. Ao reproduzir desi-

gualdades, ela perdeu a importância na vida das comunidades. A nova realidade afetou a valorização e a identidade dos educadores. Ensinar passou a ser sinônimo de fracasso e martírio.

O problema tem sido agravado pelo baixo investimento no setor. O custo aluno por ano da rede estadual mineira, por exemplo, foi de R\$ 4,2 mil em 2016. Já o custo médio anual de um adolescente em conflito com a lei em Minas chegou a R\$ 78 mil. A ressocialização de jovens que só nascem para o estado quando se tornam infratores é altamente necessária, mas, ao gastar quase 18 vezes mais com a recuperação do que com a prevenção, o poder público dá sinais de que ainda não aprendeu a lição.

Quando chegou ao hospital para ser atendida após ser agredida, a professora Marcia Friggi foi recebida por um jovem. Descobriu que aquele rapaz era o médico que iria costurar o seu supercílio. Ela, então, pediu ao doutor menino que “caprichasse” na sutura, pois não queria ficar com marcas. Marcia disse a ele que “fizesse de conta” que estava dando pontos em alguém querido, embora ela fosse uma completa desconhecida.

– Vou fazer de conta que estou costurando a minha namorada, ele respondeu, sorrindo, e completou: eu só estou aqui porque tive professores.*

Daniela Arbex é repórter e escritora.

Transcrito da Tribuna de Minas

AMAR SE APRENDE AMANDO



O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo acha a razão de ser, já dividido. São dois em um: amor, sublime selo que à vida imprime cor, graça e sentido.

“Amor” - eu disse - e floriu uma rosa embalsamando a tarde melodiosa no canto mais oculto do jardim, mas seu perfume não chegou a mim.

Carlos Drummond de Andrade

Arnaldo poema de paz e luz...

Arnaldo inspiração... Arnaldo
alegria... Arnaldo canção...

Era com essa impressão que eu olhava para ele, quando o vi pela primeira vez em Araraquara, em 2007, quando tive o privilégio de compartilhar sua presença amiga nos trabalhos de comunidade, durante o XVI ENA.



Um dos grandes amigos de nossa caminhada...

Sempre nos encorajando com suas palavras inspiradas e seus gestos simples de profunda sabedoria. Ter tido a oportunidade de encontrar com Arnaldo foi para mim, e certamente para todos os amigos de caminhada, uma felicidade única, que jamais esqueerei.

Com sua presença amiga, nossos encontros tinham a garantia de uma substância poética singular. Ele é um xamã, um espírito ligado à Mãe Terra. Uma canção repleta de poesia que brota com leveza de suas mãos singelas. E que agora retorna para ela, a Mãe Terra, com mais poesia e música, beleza e suavidade, como sempre fez, quando de sua presença física entre nós.

Nosso coração se enche de alegria, por saber que Arnaldo Lima Dias aproveitou cada minuto desta preciosa oportunidade a ele confiada, para partilhar gestos de luz, palavras sempre repletas de uma fé libertadora, vendo seus pés descalços ligado à Mãe Terra, como sempre nos dizia: “O meu templo é um tempo sem medidas”...

Pessoas como nosso querido amigo Arnaldo não estão presas às limitações do espaço-tempo, por isso, quando perdem contato físico conosco, ficam ainda mais livres para amar, cantar e escrever lindos poemas, e assim mais próximas de nossos corações...

Morte é uma palavra limitada para narrar um texto como a vida de Arnaldo Lima Dias... Suas canções e poesias estão para além do tempo e dos templos de pedra...

Por isso, sua presença amiga agora está mais presente ainda entre nós, pois quem ressuscita em vida já ressuscitou para a vida...

Hoje, querido amigo, poeta e profeta do povo, só posso te agradecer por tantos ensinamentos e carinho, você que foi e continuará sempre ao lado dos mais importantes momentos de nossas vidas: poesia para inspirar, profecia para apontar caminhos e cantoria africana para nos relembrar de nossas origens...

Abraça eu... mamãe... Embala eu... mamãe... Tem dó de mim... Cuida de mim...
Abraços nós...Embala nós...Tem de nós...Cuida de nós...
Gratidão eterna, amigo querido...
Segue teu caminho de luz, pertinho de nossa Mãe e ao lado de nosso irmão
Jesus, sua grande inspiração...
Axé! Txai! Ubuntu! Namastê!
Com carinho...

Jorge Leão – MFC São Luís – MA – 3.11.2017

FALECEU O PADRE POETA ARNALDO LIMA DIAS:

Oh mamãe, abraça eu mamãe, Embala eu mamãe... Cuida de mim...
Quem teve o privilégio e a alegria de ter convivido com o Padre Arnaldo,
deve ter ouvido por várias vezes ele cantarolando os versinhos acima.
Era um apelo constante que ele fazia à Maria Santíssima, a mãe de todos nós.
Sua natureza poética o inspirava a todo o tempo.
Sempre nos presenteava com um relato, em versos, de todo o ocorrido durante os encontros.
Todo poeta merece uma poesia, mesmo que em intenção ao seu último dia.
Último dia entre nós, tristeza e choro / Alegria no céu, cantata de Anjos em coro.
A Mãe foi sempre a sua reverenciada / Maria, simbolizando todas as mães,
lhe cobria de bênçãos, inspirando-o no seu mister de servir.
Dentre os vários dons que o Criador lhe dotou / destaca-se o de ser um servidor
no seu mais amplo sentido / SERVIR, o transformava de pequenino em gigante.

Luiz Carlos T.Martins – MFC

Meu adeus ao Padre poeta também o faço com um verso de meu pai que a ele se aplica perfeitamente:

“Minha vitória alcançada/ Foi presente do Senhor,
Ter de tudo e não ter nada / Tendo nada além do amor”
Descanse em paz, amigo

J.M.Guedes – MFC Juiz de Fora - MG

“Santo padre / homem santo / sempre ficaremos “ compreendidos” ou “confundidos” / Embalados pela simplicidade/ no colo da Mamãe / Com os pés descalços / tudo carregado por AMOR e PAZ.

Ele nos remete a sermos filhos, irmãos, pais de verdade. Ficamos na certeza da sua ida direto para estarao lado do Criador/ Sua santidade não precisa de comprovar milagres.

Sua santidade estará sempre nas nossas lembranças. Um homem que nasceu santo/ não se confundiu na hora do chamado.

Vá na Paz , meu irmão/ o céu com certeza está feliz com a sua chegada/ Abraço meu amigo e santo padre Arnaldo”.

Joel MFC Porto Seguro (em versos, como gostava P. Arnaldo)